

Fábio Fernandes

Interface com o • vampiro

e outras histórias

writers

Fábio Fernandes

Primeira edição

Interface com o vampiro

e outras histórias



2000



Projeto cooperativo para produção de obras literárias

Os livros desenvolvidos e executados por este projeto são edições realizadas por um grupo de autores associados. As idéias e opiniões expostas em qualquer um de nossos livros são de responsabilidade de seus autores e não representam o pensamento coletivo do projeto

© Interface com o vampiro - 2000

Capa - Roberto C. O. Paes

Produção - writers

Endereços eletrônicos

<http://www.writers.com.br>

autores@writers.com.br

Nenhuma parte desta publicação, virtual ou convencional (em papel), poderá ser reproduzida, guardada em disquete ou pelo sistema *retrieval* ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, do projeto writers.

Prestigie e valorize os autores brasileiros, não reproduza ou pirateie. Cada reprodução não autorizada priva o autor de seus direitos autorais.

Quem copia, nunca criou nada!

***Para Mirna Lindenbaum,
por tudo, tudo, tudo.***

Fábio Fernandes

O artista da carne (uma parábola)

- Quero um clone - disse o vampiro.
- Para quê? - perguntou o artista.
- Isso é problema meu. Você pode ou não pode?
- O artista deu de ombros.
- Preciso de uma base de dados.
- Isto basta? - disse o vampiro, colocando uma lasca de osso na mão do artista.
- Mas vai demorar.
- Quanto?
- Vai depender da idade em que deseja o clone.
- Vinte e dois.
- Mínimo de cinco anos, máximo de vinte e dois. Sugiro tempo real, o trabalho fica mais perfeito.
- Posso esperar - o vampiro deu de ombros.

Podia. O vampiro tinha duzentos anos e mais duas décadas não fariam diferença.

Não que isso importasse: no século vinte e dois, todos tinham

uma vida muito longa. A existência dos vampiros já era conhecida. Mas pouco tolerada. As colônias na Lua e em Marte existiam para provar isso.

O vampiro era discreto. Só se alimentava quando necessário e sempre nos bancos de sangue autorizados. Dois séculos de experiência lhe deram dinheiro, conforto e tranquilidade.

Mas faltava algo.

O vampiro conhecera a garota no século vinte, antes da transformação. Primeiro e único amor. Todas as outras, todos os outros, todo o resto que veio depois foi apenas sexo e alimento. Às vezes companhia. Amor, nunca.

Agora o mundo era outro. Nem melhor nem pior, apenas diferente. Agora os humanos também podiam viver muito mais tempo. Ela nem precisaria ser transformada.

O vampiro deixou instruções com o artista sobre o modo correto de educar o clone, até o dia de seu aniversário de vinte e dois anos. Foi quando se conheceram: ele voltaria exatamente nesse dia.

Viajou, correu mundo. Poucos eram os lugares que o vampiro não conhecia. Só faltavam as colônias na Lua e em Marte, mas isso ele não queria: nenhum vampiro voltava das colônias.

Até que um dia ele olhou o calendário e o dia finalmente havia chegado. Voltou ao ateliê do artista.

- Como ela está? - perguntou.

- Bem - respondeu o artista. Ele estava diferente: os cabelos agora tinham um tom grisalho, havia rugas nos cantos dos olhos, a barriga estava ligeiramente dilatada. Há muito tempo o vampiro não via alguém assim: o artista estava velho.

- Por quê? - perguntou por curiosidade.

- Prefiro assim - foi a resposta do artista. - A morte antes da decadência.

O vampiro não perguntou mais nada, tinha pressa. O artista

Interface com o vampiro

trouxe o clone.

Era linda, mais linda do que ele se lembrava. Pela primeira vez em muito tempo, o vampiro chorou. Como se obedecendo a uma deixa, ela se aproximou e tomou-lhe as mãos, dizendo: calma, estou aqui.

No começo tudo era perfeito. O vampiro viveu com a garota como nunca antes. Pela primeira vez em muito tempo, o vampiro foi feliz.

Os meses se passaram, e tudo continuou perfeito. O vampiro desconfiou: a experiência lhe ensinara que nada continuava perfeito.

Então o vampiro descobriu que a garota não era só sua. Ela também pertencia ao artista.

De novo não, pensou o vampiro enquanto se dirigia ao local onde os dois amantes se encontravam. Ele devia ter percebido a força do DNA.

Pois a garota - a verdadeira garota, a matriz que agora era apenas um punhado de ossos - não ficara com ele para sempre. Antes de ser vampiro, antes mesmo de ser humano, ele era possessivo. Muito.

Um dia, poucos meses depois de se conhecerem, ela o deixou, por um homem mais compreensivo, mais calmo, mais velho.

Mais velho. Por isso o artista escolhera envelhecer.

E por isso o rapaz acabara se tornando um vampiro. O vampiro ainda ousara pensar que tudo podia ser diferente. Mas o DNA não perdoa.

Nem o vampiro.

Ao chegar, viu a cena: os dois na cama, ele em cima, ela em baixo. Não teve pressa. Lentamente, com gosto, os dentes aguçados rasgaram carne, perfuraram artérias, nadaram em

sangue. O vampiro só parou quando a polícia chegou. Nada mais importava.

Nem a colônia em Marte. Nem mesmo a colônia incipiente, que precisava de mão-de-obra barata para erguer as cúpulas das cidades e trabalhar no processo de terraformização. Em sua maioria, presidiários e vampiros. E agora ele era os dois.

Pela segunda vez em muito tempo, o vampiro chorou.

Em camadas

Começa com o rádio: Ivan está trabalhando no computador quando, subitamente, dois comerciais diferentes invadem a mesma frequência. O ruído irritante dos dois locutores, anunciando em vozes diametralmente opostas produtos que Ivan não consegue e nem quer saber quais são, o desconcentra. Tenta voltar ao trabalho.

Minutos depois, a mesma zoeira. *Estaçãozinha de merda*, pensa. Tem que se levantar para rodar o dial à procura de outra melhor. Um jazz suave sai pelas caixas de som. Volta ao trabalho.

Vinte minutos depois, quando uma dupla sertaneja atropela o piano de Michel Petruccianni, é impossível continuar. Desliga o rádio.

Naquela noite, Ivan prefere não fazer nenhum programa fora: pega uma fita de vídeo na locadora, uma cerveja na geladeira e se acomoda na poltrona.

O filme é *Os Imorais*, e Ivan está justo na parte em que um big boss queima a mão de Anjelica Huston com um charuto, ela solta um berro e Keir Dullea é ejetado contra a comporta externa

da Discovery e aí Ivan pensa, *que merda...?*

Anjelica Huston ainda grita.

Put a que pariu, trabalhei demais, conclui. Na televisão, o filme prossegue normalmente. Meia hora depois, Annette Bening atravessa nua o corredor até o apartamento de John Cusack e diz “Hasta la vista, baby”, e Arnold Schwarzenegger...

Ivan se levanta. Desta vez não é impressão sua: um trecho de *O Exterminador do Futuro 2* está passando diante de seus olhos.

Ivan ejeta a fita.

Na tarde seguinte, a locadora está cheia. Todos têm a mesma reclamação: os filmes estão com trechos de outras películas gravados por cima. Uma garota à sua frente na fila dá uns tapinhas irritados em seu walkman.

- Está com defeito? - pergunta Ivan. Ele não entende nada de eletrônica, mas a menina é bonita, não custa arriscar.

- Acho que sim - ela responde. A voz é um pouco grave demais, não parece combinar com o perfil delicado da garota, mas Ivan não tem preconceito.

- Deixa eu ouvir?

Ela dá de ombros e estende os fones de ouvido.

O som é estranho, mas Ivan acaba conseguindo discernir: heavy metal e algo que lembra Mozart. Dá para ouvir mais alguma coisa ao fundo. Parece Bob Marley. Procura o controle do dial. Só então percebe que a garota estava ouvindo uma fita cassete.

Na volta da locadora, ele ouve as pessoas na rua falando do mesmo tipo de problema que ele teve no dia anterior. O casal de portugueses da floricultura, o espanhol do bar, o maranhense guardador de carros. E mais vozes, em outros idiomas que não consegue reconhecer. Perto de seu prédio, ele olha por acaso para uma senhora que conversa em português com um homem mais novo. De repente, é como se a cena estivesse passando em

Interface com o vampiro

sua TV e ele apertasse a tecla SAP: as palavras que saem da boca da velha não casam mais, e sequer são do seu idioma. Parecem ditas em japonês ou chinês. E a voz é de homem. Aperta o passo.

Por via das dúvidas, não liga o rádio nem a televisão. Abre a geladeira, apanha uma garrafa de coca-cola - nada de álcool hoje - e se senta na poltrona com um livro: *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault.

No fundo da prática científica - diz o trecho em que ele abre o livro - existe um discurso que diz “nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe um meteorito de ferro tungstênio e arsenito encontrei em minha trajetória -”

Ivan fecha o livro.

No dia seguinte, preparando o almoço, Ivan descasca uma cebola na pia da cozinha, e é então que a imagem lhe vem à cabeça: camadas. É como se tudo no universo existisse em camadas, e agora elas estão se interpondo umas no meio das outras, invadindo os espaços alheios, acelerando a entropia, antecipando um novo Big Bang. Será?

Arrisca ligar a TV portátil da cozinha, mas agora as imagens e sons se interpõem a uma velocidade ainda não insuportável, mas perigosamente irritante. Ivan ainda consegue ouvir e ver uma cena inteira de uma novela, ou de um desenho animado, mas mesmo isso fica difícil a cada minuto. Num dos canais, um cientista estava justamente começando a ensaiar uma explicação para o que está acontecendo quando a imagem de um filme japonês e o som de um programa evangélico tomam a tela de assalto, para serem substituídos por uma marchinha de carnaval acompanhando um velho faroeste de Audie Murphy, e depois um clip da MTV com a voz do Jô Soares ao fundo, e assim por diante, ad infinitum, ad nauseam. A essa altura Ivan já acabou de preparar a comida - um bife acebolado com arroz - mas após

a terceira garfada com gosto de sabão de coco, põe o prato de lado.

Liga para a mãe, para saber se ela está bem. Espera dois minutos até que atendem do outro lado.

- Alô? - atende uma voz idosa.

- Mãe?

E então um estalo tremendo quase arrebenta seu tímpano. O impacto no ouvido interno é tão violento que seu corpo convulsiona e ele vomita a pouca comida que tinha no estômago. Do fone caído no carpete, ainda ouve uma voz dizendo alguma coisa. Em alemão.

Naquela noite, o sono custa a chegar. Estranhos sonhos invadem os olhos de sua mente: fantasias sexuais com uma instrutora de ginástica olímpica tcheca, lembranças de um passeio ao pé do monte Fuji, um vaso de cerâmica marajoara de um amigo morto recentemente. Sonhos que não são seus. Mesmo assim, Ivan se recusa a ficar acordado; no fundo, sabe que ainda poderá encontrar alguma paz no sono.

Quando nasce o dia, Ivan acorda. Por um instante é como se tudo tivesse sido um sonho. Ele se senta, esfrega os olhos, se espreguiça. Está morrendo de sede. Só então levanta a cabeça.

O quarto não é mais o seu. O que Ivan vê agora é um claustro pequeno, escuro, sem janelas. Mas as nádegas ainda sentem o contato familiar do seu próprio colchão. O coração dispara. Ele fecha os olhos, pensando que na pior das hipóteses poderá encontrar o caminho tateando. Mas ainda pode enxergar. Enxergar outras coisas, coisas inteiramente diferente, até mesmo visões de outros mundo, onde naves metálicas cruzam céus com duas, três luas, mas ele não tem certeza de que essas imagens

Interface com o vampiro

sejam reais. Não que isso importe a essa altura. Ivan acaba preferindo manter os olhos abertos e deixar os dedos orientarem seu caminho.

Do lado de fora, ele ouve gritos, gemidos, xingamentos. Em francês. Em italiano. Numa língua que ele identifica vagamente como holandês. Ou dinamarquês. Até em português eles gritam.

Devagar, com muito cuidado, ele descobre a saída do quarto, e passa para o que deveria ser o corredor. Não é o que seus olhos lhe dizem: sobre um morro verdejante, o sol da manhã brilha preguiçoso, tentando romper a neblina que começa a se dissipar. Sente cheiro de plástico queimado.

As pontas dos dedos ainda conseguem reconhecer a presença das paredes ao seu redor. Tudo o que Ivan precisa é seguir em frente, e num instante estará na cozinha. Lá, ele encontrará a única coisa de que realmente precisa agora.

Sente gosto de água salgada, e só então Ivan se dá conta de que está chorando, na verdade não pára de chorar desde que pulou da cama. Não consegue se controlar. E nem quer.

Depois de uma eternidade tentando atravessar o imenso espaço, através de uma vastidão ártica, um bar clandestino na Chicago dos anos 20, um arrozal chinês e um vácuo escuro cheio de estrelas - sem contar o que seus outros sentidos estavam registrando - os pés descalços finalmente tocam os azulejos frios do chão da cozinha. Azulejos pegajosos, esponjosos. Não eram os que ele estava acostumado a pisar.

Ivan começa a entrar em pânico. *O tato não*, ele implora, *não agora*. Começa a andar mais rápido. Fazendo um movimento de varredura com as mãos à sua frente, ele esbarra na geladeira. Não está mais com sede, mas é bom assim mesmo, pois agora ele sabe onde está. Numa fração de segundo ele alcança a pia de alumínio, e descobre o que estava procurando. Segura com vontade a faca e, sem pensar, leva a ponta ao coração. No último instante, seus olhos vêem o interior enorme, cintilante, apaziguador, de uma catedral. Não podia ser um fim melhor.

Fábio Fernandes

Se desse certo. O impacto de um objeto rombudo em seu peito não provoca qualquer resultado.

Confuso, Ivan tenta sentir o que tem nas mãos. Uma chave. Um charuto. Uma serpente. Com um grito, ele larga a coisa. Ouve um som de trovão. Ivan sente seu mundo desmoronar, e finalmente a pressão dos últimos dias explode em seus pulmões. Ele chora como nunca chorou em sua vida. Mas tudo o que consegue ouvir são gargalhadas.

Para Philip K. Dick e Ivan Carlos Regina

***A conta, por favor
(ou: Salvador almoça
no Antiquarius)***

Erro mais uma vez o bife. O arroz vai parar fora do prato, e rapidamente recolho os grãos com os talheres; o olho direito se move por instinto, para ver se ninguém reparou. O lado esquerdo é sempre o mais difícil, o tapa-olho não deixa. Mas tudo bem: a maioria não pode ver mesmo, e os que enxergam se preocupam em saborear os pratos. Comida boa não é fácil hoje em dia.

Não que seja farta: a comida no prato de porcelana Companhia das Índias não ocupa mais que um terço de sua superfície. Um filé de frango, algumas colheradas de arroz e um purê de batata rosti. Tudo da melhor qualidade; tem que ser, pelo preço.

Estendo a mão para o cálice de vinho: Chardonnay Valdadige 1999. Uma das últimas safras realmente boas. Mas quase o derrubo. O cotovelo resvala na garrafa, e ela subitamente oscila num balé perigoso sobre a borda da mesa. Nervoso, agarro-a como posso antes que caia. Maldita perspectiva.

Fico pasmo como esses cegos não se preocupam com isso. Mesmo os sem braços. Os mais endinheirados sempre trazem um enfermeiro a tiracolo para servir a comida na boca. Pelo

menos foi o que vi há um ano, da primeira vez em que vim. Este é o meu segundo jantar aqui. E provavelmente o último. É tudo muito caro hoje em dia. Por isso saboreio o quanto posso.

Termino bem devagar a última garfada. Como um velho desdentado - mas felizmente a maior parte dos meus dentes ainda está no lugar - continuo mastigando o ar até bem depois de engolido o último bocado, para sentir bem o gosto salgado do bife.

Agora, a sobremesa.

O sabor do pudim de leite condensado me lembra as tardes de domingo na casa de minha mãe. As lágrimas escorrem pelo rosto, assim como a calda de açúcar queimado pela barba, e eu deixo. Estes momentos não serão esquecidos.

Pena que o pudim é pequeno. Por menores que sejam as colheradas, ele sempre acaba. Por um momento, me vem à cabeça o absurdo paradoxo de Zenon de Eléia. Mas eu não sou Aquiles, e o leite usado para fazer este pudim não vem sequer de uma vaca - há quantos anos elas se foram, meu Deus, há quantos anos! - , quanto mais de uma tartaruga.

Limpo discretamente a barba com o guardanapo de linho branquíssimo e esvazio a mente de pensamentos. É chegada a hora do cafezinho.

O garçom traz a bandeja de prata com a xícara fumegante. O aroma pungente invade as cercanias da minha mesa e é bem-vindo. Embevecido, sentindo-me em nuvens, concluo: este é um jantar metafísico. Transcende qualquer compreensão e não deve ser analisado. Apenas vivido.

O líquido preto queima a língua, mas não posso esperar que esfrie. Esperei tanto por este momento. Bebo.

Por fim, a conta.

O maître chega silencioso, de forma quase imperceptível, enquanto uma garçonete retira diligentemente os pratos. Ele não diz nada, apenas me aguarda. Retiro do bolso interno da túnica o cartão do banco de órgãos. Assino a nota e ele transfere

Interface com o vampiro

para o computador do pulso o número do cartão. Mas o olho direito só será retirado daqui a uma semana.

Dou uma gorjeta ao rapaz que me abre a porta. Ainda há sol na rua, sempre há nestes dias: muito sol e pouca gente. Puxo o capuz sobre a cabeça e ponho os óculos escuros. Começo a descer a rua apressado, com medo de uma indigestão que estrague tudo. Quando havia camada de ozônio, esse problema era bem menor.

Procuró gravar atentamente na lembrança as imagens que passam pelo olho que ainda me resta. Não que haja muito para se ver hoje em dia.

Para Victor Giudice

Fábio Fernandes

Falange Vermelha

Você já teve um dedo cortado?

Não, eu não quis perguntar se você já deu um corte no dedo. O que eu quis saber é se você já teve um dedo cortado, cortado mesmo, arrancado da mão.

Eu já.

Sabe qual é a sensação? No instante do corte, é como quando você corta uma fatia de queijo, só que o queijo é você. Você sente a faca deslizar pela carne, e é tão palpável essa sensação que a impressão é de que você também sente os nervos sendo cortados. Mas é só impressão: você só conseguiria sentir um corte a esse ponto se a faca estivesse muito cega. Porque se estiver bem afiada você não sente quase nada.

Isso, claro, é o que acontece *no instante exato do corte*. Apenas nesse instante. Porque depois, logo depois, você sente uma pulsação estranha no lugar cortado. Naturalmente você sabe que isso ocorre porque as veias estão expulsando o sangue do corpo para fora através dessa passagem, e ela é tão pequena para tanto sangue que a pressão interna faz com que a extremidade cortada chegue a latejar. Você pode até ver, se

agüentar a visão de tanto sangue jorrando. Naturalmente que você sabe, mas na hora é difícil lembrar.

Mas essa sensação não dura muito. Às vezes parece que dura minutos, embora na realidade dure apenas uma fração de segundo. Porque, depois que a sensação de pulsação chega ao cérebro, é a vez da dor.

A dor vem em ondas. É como quando você joga uma pedra na água e ela forma aquelas ondas concêntricas ao seu redor. Da mesma forma, a dor vai subindo da extremidade cortada até o alto da cabeça, onde chega ao cérebro e faz você sentir que o corte doeu.

E você grita.

É difícil controlar suas reações nesse momento. É mais forte que você. Os animais não conseguem controlar a dor. A dor é um mar que inunda sua mente. Tanto é que você perde sua consciência por algum tempo, e sequer sabe o que está se passando. Esse é um mecanismo de controle do seu organismo. Porque você e a dor são uma coisa só. *Você é a dor.*

Entretanto, não acaba aí. Porque a dor acaba. Pode levar horas, mas a dor acaba. E você não. Você pode até estar bem fraco com a perda de sangue, principalmente se não cuidou da mão logo após a perda do dedo. Porque ela pode ter problemas.

Você já ouviu falar em gangrena?

É quando o corpo apodrece. Como um pedaço de carne esquecido por alguns dias fora da geladeira. É assim que um membro infeccionado fica quando ninguém cuida dele. No caso do dedo cortado, primeiro a região que circunda o lugar onde ele estava começa a ficar arroxada, depois esbranquiçada. Mas a essa altura ela já se espalhou pelo resto da mão. E nesse caso não tem mais jeito.

Você já teve sua mão cortada?

M. U. A.

1980

O murmúrio no interior da igreja já virou um burburinho a essa altura. Da limusine alugada Renata ouve tudo com uma clareza assustadora: o choro de um bebê, a voz esganiçada de uma tia velha, o riso gostoso do filho de uma amiga. Ao seu lado, o pai tenta disfarçar a décima-quinta consulta ao relógio, mas ela percebe.

- Que horas são? - pergunta.

- Ele já deve estar chegando, filha - responde o pai sem muita convicção.

Renata pega o braço esquerdo do pai e vira o pulso. Seis e quarenta. O casamento estava marcado para as seis.

- Deve ser o trânsito, Renata.

- O Ramón mora em Botafogo, papai. De lá pra cá não demora mais que dez minutos, vinte com tráfego ruim.

O pai não argumenta.

Os convidados começam a sair. Os parentes e agregados ficam nas escadas; os amigos de faculdade de Renata se

espalham lentamente pelas imediações, admirando a paisagem do alto do Outeiro da Glória. Ninguém foi embora, mas Renata sabe que isso não vai demorar: quando o primeiro tomar coragem, os outros irão atrás. Pedindo desculpas, com um pouco de constrangimento, mas irão. Renata não chora. O que ela sente é raiva, uma raiva tão grande que evapora qualquer possível lágrima antes mesmo de sair de seus olhos; de algum modo, ela sabia que isso iria acontecer. Não era de hoje que Ramón vinha se comportando de forma estranha, sumindo por dias, às vezes semanas. Na última vez em que se viram, três dias antes, ela lhe perguntara se ele realmente ainda queria se casar. Ele respondera que sim, era o que ele mais queria; mas Renata viu em seus olhos uma hesitação, um desespero, alguma coisa que o sufocava e ele não conseguia revelar o que era. Ela não forçou a barra para que ele contasse; agora se arrepende.

E jura que, se Ramón não aparecer, não haverá perdão nem volta.

1986

O murmúrio no interior do shopping já virou um burburinho a essa altura. Porra, desabafa Renata, no Natal tudo bem, mas já passou um mês. Mas a chuva que cai lá fora, e só agora ela percebe, foi a causadora da aglomeração. Bom, a lista de presentes já foi providenciada, ela pensa. A tentação de tomar um sundae enquanto espera a chuva passar é grande, mas Renata opta simplesmente por ficar embaixo da marquise do shopping à espera de um táxi. Consulta o relógio: oito e meia da noite. Ela gostaria que Maurício estivesse ali, mas seu noivo não dispensa o chopinho das sextas com os amigos do trabalho.

Nem por ela. Nessas horas ela lembra de Ramón. Ele também tinha sua ânsia de liberdade, seus sonhos, mas era incapaz de deixá-la sozinha. Nessas horas ela só lembra das coisas boas.

Interface com o vampiro

Foi tudo o que sobrou. Renata nunca mais o viu.

- Renata?

Renata nunca mais ouviu o som de sua voz.

Ela se vira.

O rapaz à sua frente não tem mais de vinte e quatro anos, a idade que ela tinha no dia do casamento que não houve. Está vestido com um jeans semi-baggy e uma camisa amarela bufante com hibiscos roxos. Os cabelos pretos cheios, batidinhos sobre as orelhas, parecem anos setenta demais para ela. Ramón não mudou absolutamente nada.

Renata respira fundo.

- Como vai, Ramón? - ela pergunta, tentando parecer fria. O rosto de seu ex-noivo não tem a mesma pretensão.

- Você não está notando nada? - ele responde com outra pergunta, a voz embargada.

- Estou - ela o olha de alto a baixo. - Sua cara de pau não mudou.

Ramón respira fundo. Renata percebe que ele está muito agitado.

- Renata, me escute com atenção - ele chega bem perto dela, como se quisesse sussurrar. Mas seu tom de voz não diminui: - Cheguei há dois dias. Não sei quando vou embora. Preciso falar com você, é muito importante. Por favor.

- Você está morando fora? Onde? - ela pergunta, tentando aparentar mera cordialidade. Mas ela quer mesmo saber.

Por um momento, Ramón age como se ela não existisse; levanta a cabeça, olha para o shopping como se não o conhecesse, abaixa os olhos e percorre a paisagem ao redor.

- Aquele bar onde a gente costumava ir ali na rua da Passagem ainda existe? - ele pergunta de repente.

- Existe. Quer ir até lá?

- Quero.

Eles saem do shopping e vão na direção do bar. Mal conseguindo disfarçar o nervosismo, Renata anda a passos

largos. De repente, percebe que deixou Ramón para trás. Vira-se: ele avança devagar, como se estivesse passando mal. Ou não quisesse andar depressa.

Pedem dois chopes. Renata espera: Ramón não fala uma palavra até que o garçom traz as bebidas e o cardápio. Ele pega a tulipa e toma um longo gole. Renata percebe que a mão do rapaz treme.

Mão exatamente igual a da última vez em que beberam, naquele mesmo bar. Renata olha Ramón com mais cuidado. Ele parece tão novinho... Por um momento todos aqueles anos de namoro voltam, e nada mudou. Os olhos de Renata ficam marejados.

- O que você tem para me dizer, Ramón? - ela pede, antes que desabe em lágrimas que não quer mostrar.

- Eu quero pedir perdão, Renata. E te dar uma explicação... de porque é que eu não fui ao... - a voz morre na garganta. Cachorro, não tem sequer a coragem de pronunciar a palavra “casamento”, pensa Renata.

- Não precisa explicar nada - Renata diz, procurando um cigarro na bolsa. Jurou a Maurício que ia parar, mas uma ocasião dessas é mais que desculpável. - Já passou, Ramón. É uma página virada.

- Página? Claro, claro! - O semblante de Ramón se ilumina tão subitamente que Renata sente uma pontada de medo. Parece doido. Ela acende o cigarro e dá a primeira tragada - longa - enquanto aguarda que ele termine de mexer em sua bolsa.

Renata reconhece a bolsa: uma sacola riponga azul e verde trançada, que ele comprou em Ipanema um mês antes do casamento. Mas não pode ser a mesma, ela pensou: a bolsa da qual Ramón tirava agora uma folha de jornal era nova em folha.

- Dá uma olhada na data deste jornal - ele pede, estendendo o papel quase na cara de Renata. Ela pega a folha: é o caderno B do Jornal do Brasil. A data é 16 de janeiro de 1980. Uma

Interface com o vampiro

quarta-feira. O dia em que Renata o viu pela última vez.

O jornal está como novo.

- Não estou entendendo nada, Ramón - ela pergunta, a irritação se misturando com o estranhamento. - O que é que você veio me dizer de tão importante?

- No shopping, você me perguntou se eu estava morando fora. Não, Renata: eu fui mandado para fora.

- Como? - ela pergunta, imediatamente imaginando mil possibilidades. Recém-formado em jornalismo na época do noivado, ele vivia endividado. Será que havia se comprometido com algum agiota e tivera que fugir para não ser morto? Ou seriam drogas? Ela apura o ouvido: não quer perder essa explicação.

- Eu viajei no tempo, Renata - Ramón diz bem devagar, medindo palavras que não podem ser camufladas.

E nem assimiladas.

- Francamente, eu achei que a gente estava falando sério - Renata se levanta. Ramón barra sua passagem.

- Pelo amor de Deus, Renatinha, me ouve - seus olhos estão cheios de lágrimas. - Eu estou desesperado, não sei o que fazer. Preciso falar com alguém.

- Você precisa é de um psiquiatra, isso sim - e Renata se arrepende no instante em que as palavras saem de sua boca. Pois deve ser exatamente disso que ele precisa, e ela não devia tornar as coisas mais difíceis com sua crueldade. Afinal, ela parece estar em melhor estado que ele.

Que reconhece isso de alguma forma. - É, eu pensei nisso - ele admite, sem medo de esconder as lágrimas que escorrem pelo rosto. - Mas como é que as coisas mudaram tanto e eu não mudei nada? E minhas roupas? E as coisas que eu tinha comigo?

Renata torna a se sentar. Ramón faz o mesmo.

- Isso começou a acontecer uns seis meses antes do dia do casamento. Eu comecei a ter brancos estranhos. Atravessava uma rua de manhã, e chegava do outro lado à tarde. Entrava na

cozinha à noite e voltava para a sala ao meio-dia.

- Você procurou alguma ajuda? - ela pergunta, agora com mais sutileza.

- Procurei um neurologista - responde Ramón. - Fiz exames, mas o médico não achou nada de errado comigo. Cheguei a marcar um psicólogo, mas foi exatamente naquele período que eu sumi uma semana. Lembra como você ficou puta comigo?

- E como é que eu ia esquecer? Ainda lembro da raiva que eu senti do Zé Carlos. Pensa que eu não lembro que ele tinha te convidado para um churrasco em Pedra de Guaratiba logo antes de você sumir? Teu sumiço nunca me desceu pela garganta.

- Nem pela minha, Renata. Pra mim não se passou um dia. Eu saí da padaria no sábado de manhã com um litro de leite e um pão quente debaixo do braço. Quando cheguei em casa era sexta-feira, perto do meio-dia. Mas foi aí que eu vi que tinha algo de errado.

- Custou tanto assim pra perceber? - ela diz, irônica.

- Não, não é isso. Foi aí que eu vi que não era nenhum problema meu. Eu não estava tendo branco algum. O leite continuava gelado e o pão quente. Eu estava exatamente como quando saí de casa. Até então, esses lapsos só haviam acontecido num espaço de horas. Mas depois de uma semana, como é que eu podia explicar o fato do leite não ter estragado e nem o pão envelhecido? E minha aparência? Nem a barba havia crescido!

- E o que você fez?

- Nada - Ramón confessa, o rosto desanimado. - Fazer o quê, Renata? Quem é que ia acreditar em mim?

Ela o encara irada.

- Que tal eu, Ramón? Por que você não me contou nada na época? Não tinha confiança em mim?

Ramón baixa a cabeça.

- Você não ia acreditar, Renata. Depois daquele incidente com a Janaína...

- Sei, sei, não precisa entrar em detalhes. - O caso de Ramón

Interface com o vampiro

com Janaína foi bastante concreto, ele não tinha como inventar nenhuma desculpa estúpida para ocultar a verdade.

- Isso aconteceu três meses antes do casamento. Aí eu comecei a me prevenir: falei para meus pais e para você que tinha pintado um trabalho com cinema em São Paulo, e que eu poderia ir pra lá sem avisar, lembra? Pois então; foi pra tentar ocultar qualquer futuro salto.

- Como aquele de três semanas - Renata lembra.

- Como aquele de três semanas - repete Ramón. Aí já faltava pouco tempo pro casamento, e eu bem que tentei te avisar. Mas me deu um medo filho da puta na hora: você ia achar que eu estava de sacanagem com a sua cara e ia querer acabar tudo. Preferi ser covarde e esperar a cerimônia. Aí eu ia poder te provar que estava falando a verdade.

- Como?

- Levando você comigo - ele explica.

- Ah - Renata não sabe o que dizer.

- Pois é, é isso - e ele entorna a tulipa de chope. Pede ao garçom mais uma.

- Duas - corrige Renata.

- Você nunca foi de beber muito - ele observa, tentando amenizar o clima.

- Depois do que você me contou agora, vou precisar - ela diz. - Vem cá - ela o chama, fazendo um gesto para a cadeira ao lado. Ele troca de lugar. Renata acaricia o rosto de Ramón. A barba de dois dias é cerrada; ela lembra que seu pescoço ficava todo lanhado quando trepavam. Doía um pouco, mas Renata gostava.

Renata está toda molhada.

- Você está tão lindo - ela diz. E o beija.

Renata sente as mãos de Ramón acariciando seu rosto, seus cabelos, sua nuca. Há quantos anos ela não sentia aquelas mãos tão macias. É como se o tempo não tivesse avançado.

Delicadamente, ela interrompe o beijo.

- O que você disse é verdade, Ramón? - pergunta, pela primeira vez na dúvida.

Ramón faz que sim com a cabeça. A emoção é tanta que não consegue falar.

Renata pega sua tulipa de chope - que obviamente chegou durante o beijo - e toma um gole.

- Você não acredita em mim - diz Ramón, enxugando as lágrimas.

- Eu acredito - diz Renata.

- Não, eu te conheço bem. Você é muito teimosa. - Ambos riem. - Mas só há uma maneira de provar, Renata. - e ele estende a mão. - Vem comigo.

- Pra onde?

- Não sei - ele confessa. - Pela lógica, é somente para o futuro. A cada salto eu passo menos tempo em tempo real e o espaço percorrido é maior que o anterior. Ainda não tive cabeça para calcular a progressão, se é que existe uma.

- Parece M.U.A. - diz Renata.

- O quê?

- Movimento Uniformemente Acelerado. Aprendi isso no ginásio. Isso ocorre quando um objeto atinge uma aceleração determinada constante.

- E a velocidade do objeto vai aumentando proporcionalmente, não é isso?

- Exato.

- Por isso tenho ficado menos tempo em qualquer época que eu esteja. O salto seguinte me deixou a seis meses depois do casamento. Fiquei quinze dias aqui. Então, de repente, fui no supermercado e voltei com as sacolas de compras dois anos depois.

- Pelo menos você tinha comida.

- Pelo menos... Porque eu já não tinha mais onde morar. Soube da minha mãe?

- Soube. Lamento muito.

Interface com o vampiro

- Tudo bem - ele toma mais um gole. - Ainda não deu tempo de sentir. Uma semana depois eu virei uma esquina e estou aqui.

Renata respira fundo.

- Você me dá um tempo pra pensar?

Ramón arregala os olhos.

- Renata, você ouviu o que eu te disse? A cada salto eu passo menos tempo em tempo real! Isso quer dizer que eu não sei quanto tempo tenho! Da última vez, foram sete dias antes um salto e o último. Já estou no segundo dia. Pode ser amanhã, ou daqui a pouco! Eu não tenho tempo a perder!

- Calma, Ramón - Renata procura medir as palavras da melhor forma possível; não vai ser fácil. - Você está se esquecendo que para mim se passaram seis anos? Seis anos! Como é que você acha que eu me sinto com você aparecendo assim de sopetão, me contando tudo isso, pedindo que eu acredite e ainda por cima que vá com você?

- Se você se despedir de mim agora, pode ser que a gente nunca mais se veja.

- Isso é uma ameaça, Ramón?

- Não, Renata, eu já disse - ele fala, exasperado. - É uma constatação.

- Onde você está?

- Na casa de um amigo. Você ainda mora no mesmo apartamento?

- Moro.

- Posso te ligar amanhã de manhã?

- Pode.

Os últimos minutos apagaram o fogo de Renata. Tudo o que ela quer agora é ir embora. Chama o garçom, paga a conta e sai apressada. Ramón vai com ela até o ponto de ônibus.

Os quinze minutos que a separam do Humaitá não são suficientes para tantos pensamentos. A surpresa de rever o homem que ela tanto amou só não é maior que o pasmo por tudo o que ele lhe disse. Ela não quer, mas tudo o que lhe vem

à cabeça nesse instante é uma notícia que ela soube nos tempos de faculdade, de uma colega cujo noivo era tão ciumento que um dia, após uma briga, tentou estrangulá-la. Ramón nunca teve tanto ciúme assim, mas Renata sabe que ele não é mais o mesmo de antigamente. Ela não custou tanto a superar seu abandono na porta da igreja para acabar como essa colega da faculdade.

O telefone toca às sete da manhã. Sonolenta, Renata se levanta, vai até o corredor e atende.

- Renata? Sou eu, Ramón.

A realidade a desperta na hora.

- Oi, Ramón.

- Podemos nos ver?

- Agora? - sente um frio na barriga.

- É muito importante, Renata.

Ela suspira. - Tudo bem. Onde?

- Estou aqui no Largo dos Leões.

Meu Deus, ela pensa. Ele está obcecado.

- Que bom que você veio - ele diz ao vê-la chegar. Tenta esboçar um sorriso, mas Renata sente a tensão.

- Vamos recapitular uma coisa, Ramón - diz ela, lembrando que nessas horas é melhor não discutir nem discordar. - Se eu for com você, não haverá volta, certo?

- Até onde eu sei, não há.

- E provavelmente vamos para muitos anos no futuro.

- Exato. - Ele morde o lábio inferior, preocupado. - Está com medo?

- Estou.

- Eu também.

Mas ele abre um sorriso de orelha a orelha. Estende a mão para Renata. Ela aceita.

Caminham durante horas, quase em absoluto silêncio.

Interface com o vampiro

Descem a Rua Humaitá na direção do Jardim Botânico, percorrem as ruas transversais à Lagoa, esperando que algo aconteça. Ramón consulta sem parar o relógio. Propõe para Renata irem ao Parque Lage, mas ela recusa. O Parque tem estado abandonado ultimamente, e ela não quer ficar sozinha com Ramón.

Compaixão tem limite. E paciência também. Ao final da tarde, voltando ao Humaitá, quem consulta o relógio é Renata.

Maurício já deve estar puto com ela. Eles haviam combinado ir ao cinema e depois a um bar com amigos. Ela quer ajudar Ramón, mas não quer arriscar um segundo noivado por causa dele. - Vamos ter que deixar isso para outro dia - ela diz com suavidade, tentando tranquilizá-lo.

- Não, Renata, não dá - ele argumenta, a voz cansada porém firme. - Meu prazo está se esgotando. Eu posso ir a qualquer momento.

- Não digo eu - ela diz, soltando a mão dele.

- Como? - pergunta.

- Ramón, não vou ficar pra cima e pra baixo com você todo dia pra tentar provar uma coisa impossível. O que houve com você nesses últimos anos? A quem você está querendo enganar?

- Renata, pelo amor de Deus - ele diz, a voz embargada. - Não desiste. Fica comigo mais um pouco, eu vou te provar tudo.

- Não! - ela quase grita, mas já é o suficiente para chamar a atenção de todo mundo ao redor. Não é muita gente, mas as poucas pessoas que passam pelo Largo dos Leões viram a cabeça para ver o barraco. - Por favor, Ramón, me deixa. Eu estou noiva, e não quero perder esse casamento por sua causa. - Ela sobe pela Alfredo Chaves, confusa, envergonhada, cansada. Ouve os gritos de Ramón, esganiçados, nervosos. Penalizada, ela se vira uma vez para vê-lo.

E quase não há tempo.

No exato instante em que Renata bate os olhos na figura ofegante de Ramón, ela passa imediatamente a crer em tudo o

que lhe foi dito pelo noivo fugitivo. Porque é como se o espaço à frente de Ramón se dobrasse como um origami, se amassasse como uma folha de jornal, e ele fosse sugado para dentro dessa ruptura. Os gritos de Ramón são cortados ao meio, e por um instante Renata pensa tudo: ele morreu, ele foi seqüestrado por discos voadores, ele realmente foi para o futuro, eu enlouqueci.

Renata não desmaia. Não tem a menor vocação para perder os sentidos em situações-limite. Mas gostaria de ter. Porque ela vai passar os próximos dias sem dormir, e seu sono nunca mais será o mesmo.

1996

O murmúrio no interior da sala de aula já virou um burburinho a essa altura. Renata volta com um copinho de café numa das mãos e um cigarro aceso noutra, o terceiro desde o começo da aula, há vinte minutos. Renata não consegue ficar na sala por muito tempo. Ser a professora não ajuda em nada, pelo contrário; foi preciso muito jogo de cintura ao longo dos anos para poder entrar e sair sem prejudicar a turma nem fazer com que o dono da faculdade ameaçasse demiti-la.

Renata é um feixe de nervos. Não pára quieta com a cabeça um instante: olha para os lados sem parar, como se estivesse à procura de alguma coisa, ou melhor, como se achasse que algo pulará à sua frente a qualquer momento, vindo do nada. Para Renata, o mundo não é mais o que costumava ser.

Ela retorna à sala.

- Vocês leram o texto? - ela pergunta da porta mesmo.

Dos vinte e dois alunos, apenas sete respondem que sim. Olhando o livro de Borges em cima da mesa, ela solta o ar ruidosamente pela boca, mais cansada que desapontada. Quando Renata começou a lecionar, seu entusiasmo era tão grande que ela fazia de tudo para conseguir que os alunos lessem

Interface com o vampiro

e discutissem o texto. Hoje ela percebe que todo esse esforço foi em vão.

Como tudo em sua vida, aliás. A única coisa que Renata conseguiu completar na vida foi a faculdade de Comunicação. A mulher magra e nervosa que entra ligeira no carro também não pára quieta em relacionamentos. O segundo noivado não resistiu às crises sucessivas de Renata em janeiro de 1986. Ninguém entendeu por quê, e Renata precisou se refugiar na casa de uma amiga no interior do estado para que os pais não a internassem num sanatório.

Hoje Renata mora só. Ela e Deus, dizem uns. Mas para ela este último inquilino sumiu há muito tempo.

Ela vira a chave e o motor pega. Do lado de fora, a garoa que cai firme reduz sua visibilidade. Um homem passa apressado por trás do carro. Assustada, ela confere as janelas do carro: todas fechadas. Pisa no acelerador.

E então o rosto do homem se nivela com o vidro do lado do carona.

- Renata, pelo amor de Deus - pede Ramón.

Ela freia. Não tem outra alternativa: seu corpo treme da cabeça aos pés. Não consegue respirar; abre de sopetão a porta do carro e salta. A chuva que cai no seu rosto é a prova de que o que restou de sua sanidade ainda está no lugar.

Ramón corre para Renata. Ela abre os braços. O abraço é como um choque elétrico.

- Meu Deus, meu Deus - ele diz, a cara enterrada no ombro dela. - Como as coisas mudaram!

- Você já sabe... - ela começa.

- Não, não! - ele quase grita na cara dela. Seu rosto dói. - Não me conte nada! Vim direto. - E, como se lembrasse de seguir um manual de etiqueta: - Mas soube dos seus pais. Sinto muito.

- Você está bem? Chegou quando?

- Há duas horas. Foi o tempo de descobrir onde você estava.

- Você veio direto? - ela pergunta, mas antes da resposta ela

olha melhor as roupas dele: são as mesmas daquela tarde no Humaitá há dez anos.

- Renata, eu não agüento mais - ele diz, ameaçando chorar.
- Me ajuda, pelo amor de Deus!

Renata chora sem parar. Como se tivesse vivido todos esses últimos anos integralmente, sem parar, Ramón se deixa vencer pelo cansaço. Desaba no chão.

- Me dê a mão, Renata - Ramón implora, a voz num fiapo.

As pernas de Renata tremem. O rapaz sentado no chão ao seu lado subitamente parece mais velho que ela, e Renata aparenta bem mais que os seus trinta e nove anos.

Renata estende a mão.

- Vamos - ela diz baixinho.

?

À primeira vista, nada mudou. O ponto de transição, como Ramón lhe explicou, é o mesmo: o deslocamento não ocorre no espaço. Para Renata, não ocorreu absolutamente nada.

- O que você sentiu no instante em que sumiu na minha frente? - é a primeira coisa que lhe ocorre dizer.

- Nada - responde Ramón, olhando para os lados. - Num instante você estava lá, olhando para mim assustada, e no outro não estava.

- E o que vamos fazer agora? - pergunta Renata.

- Saber *quando* estamos - ele responde.

Então Renata também começa a olhar ao seu redor. As cores das casas estão diferentes: estão mais alegres, mais berrantes, mais díspares, como bandeirinhas de Volpi. O futuro parece bom, ela pensa.

Ao descerem a rua, não mudou muita coisa. Um colégio que antes ficava perto da praça agora virou um canteiro de obras; os operários ainda continuam trabalhando da mesma

Interface com o vampiro

forma, com as mãos e sem equipamento sofisticado de proteção.

De mãos dadas, eles chegam a uma banca de jornais. A banca é maior, maior que os “aquários” de 96; é quase uma drugstore, mas nada que assuste.

Eles entram. Os jornais continuam de papel, e as revistas atulham todo o espaço, agora também com vários notebooks espalhados pela banca, exibindo jornais multimídia.

Renata está fascinada. Tão fascinada que nem percebe o bando que entra logo em seguida e assalta a jornaleira.

Mas o estrondo dos tiros ainda é o mesmo.

Todos gritam e se atiram ao chão. Renata faz o mesmo, e bate com o nariz em alguma coisa metálica. Por um momento sua mente desorientada pensa que foi um tiro, e que ela vai morrer. Mas nada acontece. Os gritos e as pessoas se levantando avisam para Renata que os ladrões já foram embora. A jornaleira diz a um policial alguma coisa sobre refugiados de Ruanda.

E então Renata vê Ramón. Caído no chão, uma mancha de sangue começando a se espalhar pelas costas da blusa branca.

Imóvel.

O último grito é dela.

? + 10

O murmúrio nas ruas já virou um burburinho a esta altura. Nas ruas, as pessoas andam de um lado para o outro, cabeças baixas na chuva. Entre elas, uma mulher anda para um lado, para o outro, em círculos, ziguezague; às vezes corre, às vezes pára. Ninguém mais olha para ela; todos já estão acostumados, ela está aí há anos, não faz mal a ninguém. Às vezes ela fala para o vento, ou solta um grito angustiado, mas o conteúdo é sempre o mesmo: ela chama um nome com o qual há muitos anos ninguém mais é batizado. Vive no passado, coitada, dizem os passantes.

Se um viajante a bordo de um disco...

caminhasse como você caminha pelos corredores indefinidos, as pontas dos dedos tateando as paredes metálicas que brilham fraquíssimas uma fosforescência arroxeadada lembrando luz negra, sentiria o mesmo frio que você sente. Está frio, mas você sua; não é para menos. Afinal de contas, por toda a sua vida você desejou fazer contato com seres extraterrestres e entrar num disco voador.

Você conseguiu.

Devia estar contente, não?

Mas sua fantasia não contava com um seqüestro no alto de um morro em São Tomé das Letras, apenas de bermuda e camiseta. E faltando o essencial: o par de óculos que lhe faz tanta falta. Você sua, mas é de medo.

De qualquer forma, você é poupado do constrangimento de ter que enxergar algo de importante pelas paredes maciças dos corredores. Elas não têm fim, e você não vê qualquer abertura ou algo que se assemelhe a uma porta, passagem, duto de ventilação, o que seja. Você tenta rir: onde já se viu isso? Preocupar-se mais com o que poderia lhe ser mostrado do que

com o que lhe está acontecendo?

Você só não é poupado de saber quem o pegou no alto do morro.

O alienígena aparece na outra extremidade do corredor, e vem em sua direção. Seu grau de miopia é grande, mas você também não é cego: sabe perfeitamente que o ponto escuro contrastando com o metal polido dos corredores não estava lá antes, e que seu aumento constante é sinônimo de movimento; que você está a bordo de uma nave extraterrestre é óbvio, você viu as luzes no alto do morro segundos antes de ser erguido do solo. Portanto, isso só lhe deixa uma opção lógica e racional: o ponto escuro que se aproxima é um alienígena.

Você olha para trás, ou tenta: aos seus cristalinos defeituosos, o cenário é rigorosamente igual ao da frente, ou seja, uma indefinição metálica. Não há para onde fugir. Mais cedo ou mais tarde o alienígena o alcançará. Você respira fundo e fica onde está.

E ele se aproxima.

O medo que você esperava sentir não é tão grande. Tantos filmes de ficção científica tinham que servir para alguma coisa, afinal. O alienígena é mais baixo que você, e não é humanóide; a carapaça brilhosa e os quatro ou cinco pares de patas mais lembram um inseto. Você sente um cheiro doce demais, quase enjoativo.

Você só se sobressalta quando o alienígena subitamente estica o pescoço comprido e fino e praticamente encosta um rosto impossível de definir: negro, cheio de rugas que franzem em vários pontos da bola ovalada que examina a sua face.

A análise não dura muito. Com movimentos bruscos, a criatura - não, criatura não, você se corrige; um ser que habita uma nave dessas, que cruza o espaço para estudar outras raças, sem dúvida pertence a uma categoria superior - dá as costas para ele e volta por onde veio. Você continua onde está. Mas o ser alienígena pára a poucos passos. Você força a vista; ele se

Interface com o vampiro

virou, ou assim parece. Está me esperando, você pensa. E, respirando fundo mais uma vez, o segue. Sempre apoiando a mão na parede.

A caminhada é longa, mais de meia hora. Você sente a panturrilha esquerda. Mas seu guia é incansável.

Por fim, vocês saem do corredor interminável. Impossível abarcar o diâmetro do aposento onde desembocam, mas ele é grande, isso você consegue assimilar. Uma lufada de ar fresco - ou refrigerado - se choca com seu rosto e lhe invade as narinas. Você se sente revigorado.

Contudo, o alienígena não o espera. Por um momento, é impossível localizá-lo: o aposento parece queimar com luzes de cores quentes, todas estrategicamente colocadas em diversos pontos. Parecem iluminar coisas específicas, e você quase chega perto da mais próxima, mas então ouve um ruído à sua direita, e uma mancha negra se movendo. Você localizou o alienígena.

Você perde a noção do tempo; o alienígena passa e pára por cada um dos focos de luz. Sob cada um, um objeto, uma forma de vida, um estado da matéria. Você sabe que o que o alienígena está tentando lhe mostrar transcenderia a sua compreensão mesmo que pudesse enxergar direito. E você não pode.

E tenta explicar isso para ele, já sabendo que não será fácil. Através de gestos bastante improvisados - você então se lembra de um amigo mímico, e lamenta não ter a habilidade dele - tenta explicar que as luzes o acordaram de repente, e que você saiu da barraca sem seus óculos. Gostaria também de acrescentar que o grau em cada lente é de 9.0, e que estava de operação corretiva marcada para dali a um mês, mas de que adiantaria?

De repente, o alienígena dispara na direção do corredor. Você tenta correr atrás dele, tomando cuidado para não tropeçar em nada.

Desta vez vocês não demoram muito. Em minutos, entram em outra sala. E seu medo volta.

Pois a sala - desta vez é possível perceber seu diâmetro, ela

não é tão grande quanto a anterior - está repleta de alienígenas, todos iguais ao seu guia. Iguais não, você percebe assim que um deles passa raspando pelo seu restritíssimo campo visual: mudam as tonalidades, a altura, o diâmetro do rosto. Como os humanos. Você não sabe por quê, mas isso o faz se sentir bem melhor.

Seu guia se detém diante de dois outros. Você já está começando a ficar irritado com o silêncio quase absoluto da sala: devem conversar em ultra ou infra-sons, você não tem idéia.

No entanto, eles não falam muito. Logo tomam a dianteira do seu guia e entram em outro corredor, no extremo oposto da sala. O alienígena se volta para você, e os acompanha. O que mais você pode fazer?

O outro corredor leva a uma sala pequena, cheia de luzes e grandes estruturas reluzentes que você - obviamente - não consegue enxergar suficiente para reconhecer. Mas, à medida que se aproxima, você percebe: as estruturas metálicas são leitos. Você está na enfermaria da nave.

Eles se viram em sua direção. Seu guia estende uma das patas e aponta para o leito mais próximo. Ele está pedindo que se deite na cama. Talvez você pudesse recusar, talvez houvesse outro jeito, mas para todos os efeitos você está sob o poder deles. Obedece.

Os alienígenas cercam o leito. As luzes fortes o irritam, tornando tudo cada vez mais borrado.

E então seu rosto se abre num sorriso.

Um dos seres leva duas das patas ao seu rosto, à altura dos olhos. Faz gestos em forma de cruz. Outro se aproxima e fez gestos circulares. Não olham para você. Parecem discutir. Então você tem certeza: eles compreenderam o que você quis dizer. Você será operado. Sua visão será corrigida. Um gesto de boa vontade para com um irmão de outro mundo.

Outro alienígena - certamente o anestesiologista - enfia uma agulha grossa na veia entre braço e antebraço. Dói. Mas você

Interface com o vampiro

pode suportar isso.

Em segundos seu corpo começa a sentir torpor. Você se entrega à inconsciência, confiante. Eles são superiores: logo, a conclusão é óbvia. Eles sabem o que estão fazendo. Você ficará curado.

O tempo passa. Você perdeu completamente a noção dos dias. Não há qualquer referencial. Tudo de que você consegue se lembrar é o gosto amargo na boca ao despertar da anestesia, os toques suaves das patas dos alienígenas e a sensação de terror ao perceber que alguma coisa não saiu conforme o esperado.

De qualquer forma, você é poupado do constrangimento de ter que enxergar algo de importante. De ter que enxergar algo.

Cansados, seus dedos tateiam pelos corredores da nave. Não é preciso mais se preocupar com a luminosidade negra que doía na sua vista. Agora só lhe resta esperar que eles o deixem em algum lugar na Terra, e seus dedos possam, aliviados, reconhecer o solo, as pedras, o rosto de alguém querido.

Para Ítalo Calvino e H.G.Wells

Declínio e queda

Começa assim: Guilherme saindo apressado do banheiro às dez da noite, toalha enrolada no corpo que ainda pinga água no piso de tacos, como sempre acontece toda vez que se espera durante horas um telefonema e justamente quando se perde a paciência e se vai fazer alguma coisa importante que impossibilite o atendimento ao telefone, justamente então é que o aparelho toca desesperado, e se fosse somente um toque ou dois tudo bem, mas o diabo é que são dez, quinze, vinte, isso quando a pessoa do outro lado não desliga e torna a ligar imediatamente depois (sabe como é, ela se desculparia então, liguei de novo só pra ter certeza de que a ligação havia caído no lugar certo, essas linhas estão uma porcaria, você não acha?), e aí perde-se a paciência mais uma vez e se corre para atender, sabendo de antemão que no exato instante em que a mão tocar o fone e levá-lo ao ouvido a pessoa do outro lado terá concluído que não há ninguém em casa e terá finalmente desligado o telefone, para só voltar a ligar quando o que tinha a dizer já não for tão importante. E saber disso não poupa ninguém do aborrecimento.

Como não poupa Guilherme, pois é exatamente o que acontece com ele, que retorna irritado ao banheiro para se enxugar. Quando vai a área de serviço pendurar a toalha, o telefone toca novamente.

- Pronto - atende ríspido.

- Alô? - diz a voz feminina por entre estalidos de interferência.

- Ana?

- Guilherme, fala mais alto que a ligação está horrível!

- Ana, isso são horas? - ele responde quase gritando. - Você ficou de ligar mais cedo!

- Francamente, Guilherme, isso é jeito de falar comigo? Esqueceu o que eu vim fazer em São Paulo?

- Desculpe. É que eu estava no banho.

- O quê?

- É que eu estava *no banho*! E sua mãe, como está?

- Melhorou um pouco. Mas vai ficar sob observação aqui no hospital.

- Quanto tempo?

- Dois, três dias. Eu vou fazer companhia...

- Alô?

A voz que se interpõe entre a de Guilherme e da esposa é masculina. Grave, grossa, meio rouca. Soa alta e clara, sem ruído de fundo.

- Ana, liga de novo! - Guilherme se esgoela. - Deu linha cruzada!

- Não é linha cruzada não - a voz interrompe grosseira. - Aqui é da telefônica.

- Alô, Guilherme? - a voz de Ana está ainda mais distante.

- O seu telefone está com defeito?

- Não, amigo, não está - responde Guilherme, indignado. - O senhor poderia sair da linha? Eu estou falando com minha...

- Agora vai ficar - responde a voz.

Um clique. E o telefone fica mudo.

Guilherme não acredita no que acabou de ouvir. Bate o dedo

Interface com o vampiro

no gancho várias vezes. Nada.

Corre para a janela: do sétimo andar, ele pode ver as duas entradas subterrâneas da rede telefônica que atendem seu quarteirão. Não há ninguém ali, nem da telefônica nem de nenhuma outra companhia. Vai à cozinha e pega o interfone.

- Escuta, tem alguém da telefônica aí embaixo? - pergunta quando atendem.

- Não senhor, não veio ninguém da telefônica hoje - responde o porteiro.

Volta para a sala e apanha de novo o fone. Nem sinal de vida.

Guilherme se recusa a acreditar, é uma situação absurda demais para ser verdadeira. Pensa em ligar do vizinho, mas logo se recorda que não tem o telefone do hospital, e nem sabe em que quarto a mãe de Ana está. Quando o pai avisou do derrame, ela correu para o Santos Dumont com a roupa do corpo e uma mochila com algumas roupas, não teve tempo nem cabeça para entrar em detalhes.

Acha melhor deixar pra lá. Amanhã tudo se revolve, deve ter sido um trote.

Mas pega de novo o fone. Continua mudo.

Acorda às seis, toma uma xícara de café e corre para o trabalho. Como sempre, é um dos primeiros na fila do ponto final do ônibus. E também como sempre, depois de meia hora de espera é que o ônibus chega, motorista e trocador reclamando de tudo com o despachante e o passageiro que espere.

Isso sem contar com o terceiro fator imutável e sagrado de todos os dias: invariavelmente na hora do motorista abrir a porta de trás para a fila - a esta altura composta por umas quarenta pessoas - chega um grupo enorme, que alguém na fila apelidou de Turma da Pá Virada mas que Guilherme considera mesmo uns bons filhos da puta. São uns quinze, mais ou menos - sempre

mais - e não querem nem saber, furam a fila, se preciso empurrando quem ficar na frente. Na primeira semana em que pegou esse ônibus, Guilherme viu uma senhora quase tomar um tabefe de um deles simplesmente por ter se sentado “no lugar dele”. Naquele momento, ainda pensou em tomar as dores da mulher, mas quando percebeu que todos no ônibus, incluindo os outros passageiros e até o motorista, riam dela como se fosse a errada na história, preferiu se calar.

Deixa que furem a fila e se instalem nos bancos de trás, como sempre fazem. Mete a mão no bolso e descobre que não tem nota pequena.

- Não tenho troco - o trocador quase grita na sua cara, o mau humor visível.

- Desculpe, só tenho essa.

O trocador pega a nota agressivo.

- Daqui a pouco você vem pegar o troco - e vai afastando Guilherme com um gesto para os outros passarem. Guilherme procura um lugar bom para sentar. Não há: os bancos são duros e as janelas não abrem, pelo menos não as de baixo. As de cima só podem ser desfrutadas por quem senta nos primeiros bancos, que já estão ocupados. Guilherme senta e tenta relaxar. Tira um livro da pasta e começa a ler, mas logo a vista perde o foco e ele desiste. Não é a primeira vez que sente isso, tem que voltar a um oftalmologista, não troca os óculos há anos. Deve ser o astigmatismo, pensa ao encostar a cabeça no vidro para tentar cochilar.

A zoeira que a Turma da Pá Virada apronta no ônibus é tão grande que ele não consegue fechar os olhos. Fica se perguntando como é que uns sujeitos, todos na casa dos trinta, podem ficar gritando e fazendo brincadeirinhas babacas como se tivessem quinze. Sabe que não há resposta.

Depois de uma hora de viagem, um Guilherme irritado salta no Centro. Tem ainda que driblar os carros na Avenida Rio Branco - os sinais de trânsito da área estão todos enguiçados,

Interface com o vampiro

não funcionam há uma semana - e em seis quartos está na redação do jornal. Pendura o crachá no bolso e sobe.

- Que merda, hein? - é a primeira coisa que Nogueira, editor de Cidade, diz quando ele entra na redação.

- Merda o quê? - pergunta enquanto se serve na cafeteira.

- A massa fria do sul. Chegou esta madrugada em São Paulo. Inundou a cidade inteira.

- Merda - concorda Guilherme, cuspidando o café frio na cesta de lixo mais próxima.

- Helena ainda não chegou, esse café é de ontem - Nogueira diz impassível.

- Obrigado pelo aviso - Guilherme retruca jogando o copinho plástico na cesta. - Alguma coisa pra agora cedo?

- Às dez chega aquele grupo de rock que vai tocar na Apoteose. Uma bela duma porcaria, mas é disso que o povo gosta. Ao meio-dia, uma solenidade na Biblioteca Nacional - consulta a folha de pauta. - Entrega dos prêmios do Instituto Nacional do Livro. Quando acabar, você almoça e vem pra cá escrever as matérias.

- E de tarde?

Nogueira solta um muxoxo.

- Porra, você não tem paciência, hein? Sei lá o que é que tem de tarde! Ainda estou dividindo a pauta. Vai que você já está atrasado. Na volta não vai faltar trabalho.

Sai sem o café. Mesmo sem quase nada no estômago, sente-se pesado, arrota a toda hora; Ana vive dizendo que seu hálito anda terrível. Precisa consultar logo um gastro.

Pega o carro do jornal com o fotógrafo e o motorista e vão para o Aeroporto do Galeão. Na Linha Vermelha, o vento começa a soprar mais forte. Nuvens negras se avolumam para os lados da Via Dutra. A chuva de São Paulo está a caminho. Assim que chegar ao aeroporto tentará ligar para Ana.

Chegam em cima da hora. Felizmente o avião está atrasado. Guilherme deixa o motorista e o fotógrafo tomando café e vai

até os orelhões. Dos vinte, oito não estão funcionando; o resto está ocupado. Espera dez minutos. Quando finalmente consegue uma cabine vaga e começa a discar o número do hospital, sente um cutucão no ombro. É o motorista, um português enorme de gordo que não tem noção da própria força: vem avisar que já estão desembarcando os gajos, pois não? Pois sim; Guilherme solta um palavrão baixinho e volta para o setor de desembarque. Como de costume, os músicos do conjunto “estão protegidos por um forte esquema de segurança e não quiseram dar entrevistas”. O fotógrafo faz o que pode e Guilherme rabisca no bloco de anotações os adjetivos mais extravagantes para descrever as roupas do líder da banda, e o resto é material de arquivo.

Volta correndo para os orelhões. Novamente ocupados. Consulta o relógio; desta vez não pode esperar.

Chegam à Biblioteca Nacional faltando dez minutos para a cerimônia. Ele e o fotógrafo mostram os crachás do jornal, sobem pela escadaria antiga e chegam ao segundo andar, no meio de um tumulto só, escritores, poetas, tradutores, ilustradores, editores, todos confraternizando, trocando hostilidades educadas. Guilherme percebe isso logo, afinal de contas é para isso que serve sua profissão, não é mais do que sua obrigação perceber, captar essas emoções no ar e registrá-las como o fotógrafo faz diligentemente com as imagens. Guilherme entrevista praticamente todos os que importam, o clima é de alegria e condescendência para com a imprensa, apesar das possíveis brigas e desentendimentos ocasionais. Assistem à solenidade e às duas da tarde estão liberados.

Quando voltam ao carro o motorista não está, deve ter ido almoçar. Eles têm tempo: atravessam a rua e vão comer um sanduíche no McDonald's da Cinelândia.

O céu está escuro demais, parece que virou noite. Guilherme torna a pensar em Ana, está preocupado. O fotógrafo também deve estar ocupado em se preocupar com outras coisas, pois

Interface com o vampiro

quando se dão conta a Cinelândia está vazia, pelo menos o trecho entre a Câmara dos Vereadores e o Cordão do Bola Preta. Um bando de garotos esfarrapados e mal-encarados vem na direção dos dois.

Não há tempo nem de pensar, quanto mais de fugir; num minuto ambos estão cercados. É uma confusão, tantos garotos cercam Guilherme e o fotógrafo que os dois não conseguem contar quantos são. De sua parte, Guilherme só sabe que dezenas de mãos se introduzem nos seus bolsos, tiram seu par de tênis, sua carteira, o bloco do jornal e todas as informações das duas matérias. E outras tantas mãos o seguram com força, algumas espetando frente e costas com canivetes e cacos de vidro. O fotógrafo também tem a mesma escolta, que, enquanto os leva de volta por onde vieram numa marcha desengonçada, rouba-lhe tudo o que foi tomado de Guilherme mais o colete para guardar rolos de filme, a bolsa de equipamento e a câmera.

- A máquina não, a máquina não - o homem grita desesperado. Guilherme tenta dizer para ele se calar, mas tem medo. O fotógrafo começa a se debater em pânico; e solta um grito.

O arrastão de dispersa como uma revoada de pombos, cada garoto para um lado, e o fotógrafo cai no chão, segurando a barriga ensangüentada. Guilherme vai ajudá-lo e sente uma dor queimando o braço esquerdo: um corte fundo empapa de sangue a manga da camisa. Ele fica tonto só de ver.

Grita com as pessoas que se aglomeram ao redor da cena para que alguém chame uma ambulância pelo amor de Deus, e então lembra de tirar a camisa e pede a uma mocinha que o ajude a dar um nó bem apertado acima do corte para deter o sangramento. A ambulância demora para chegar, e nesse meio tempo Guilherme já pediu a outro passante que corresse até a kombi e avisasse o motorista, mas o português não aparece.

Quando finalmente a ambulância chega, ainda há tempo. Do hospital, Guilherme tenta ligar para o jornal, mas só

consegue depois de quarenta minutos. Já são quatro da tarde. Explica a situação a Nogueira e diz que se der amanhã está de volta. Desliga antes de ouvir o infalível esporro; braço com pontos e enfaixado, vai para casa.

A primeira coisa ao chegar é ouvir o toque do telefone e respirar aliviado. Está preocupado e doido de saudades de Ana. Não vai nem dizer tudo o que aconteceu para não preocupá-la, afinal já basta o problema da mãe.

- Alô? Ana? - atende quase eufórico.

- Aqui é da telefônica - responde a mesma voz masculina de ontem.

Guilherme não acredita.

- Estamos ligando para informar que o seu telefone encontra-se com defeito. Um funcionário vai passar no seu endereço amanhã para consertar o aparelho.

- Espera aí, o aparelho não está com defeito, o que aconteceu foi que...

- O aparelho *está com defeito* - a voz insiste com agressividade.

- O funcionário passará aí amanhã com a tabela de preços dos consertos.

E desliga antes que Guilherme possa argumentar.

Lá fora, começa o temporal.

De manhã, continua chovendo. E o telefone ainda está mudo. Na noite anterior, Guilherme vira no telejornal a situação alarmante porém corriqueira das inundações no Rio após os primeiros vinte minutos de chuva forte. Em São Paulo, o prefeito já havia declarado estado de calamidade pública. Foi tudo o que conseguiu saber a respeito: às nove da noite a luz acabou em todo o prédio.

Acorda com calor. Toma um banho rápido, depois vai até a cozinha e descobre que quase não tem o que comer. Devora o último pedaço de um queijo minas que achou na geladeira e espera a chuva amainar. Isso não acontece. O braço dói e lateja,

Interface com o vampiro

e Guilherme não quer sair de casa. Mas há uma agência da telefônica no bairro, e ele quer descobrir o que está acontecendo.

Atende-o uma balconista morena, de olhos claros realçados por um rímel exageradamente azul, os lábios grossos lambuzados de batom brilho sabor uva e argolas enorme enfeitando as orelhas. A blusa de gola pólo do uniforme ameaça arrebentar com a enormidade dos seios da menina.

- Pois não? - ela pergunta com uma voz aguda demais para o gosto de Guilherme.

- Eu queria uma informação - pede ele. - Vocês enviam cobrador em casa?

- Um momentinho - ela sai por uma porta atrás do balcão. Em dois minutos está de volta.

- Qual é o assunto? - pergunta, tentando afetar formalidade. Mas não consegue de jeito algum impor respeito a Guilherme, ainda mais com o chiclete que, agora ele repara, dança de um lado para outra na boca brilhosa.

- Meu telefone foi cortado ontem. Acontece que...

- O senhor pagou a última conta?

- Paguei, não é isso.

- Então é defeito do aparelho.

- Não é defeito do aparelho, eu comprei mês passado, funciona muito bem.

- Qual é a marca?

- Por quê?

- Porque dependendo da marca do aparelho, dá defeito logo.

- Olha o negócio não é esse - Guilherme começa a se irritar.

- Interromperam uma ligação interurbana que eu estava recebendo...

- O senhor ligou a cobrar? - ela pergunta.

- Eu falei que *recebi* a ligação! - ela perde a paciência. A menina não se abala:

- Escuta aqui, meu senhor, me respeite que eu não ganho pra aturar chique não! Aqui não é a sua casa!

- E também não é a sua! - Dá um soco no balcão. Com a mão esquerda. A dor é tão violenta que ele não consegue ver nada à frente.

A menina desaparece porta adentro. Guilherme segura o braço e percebe uma manchinha de sangue na atadura. Resolve sair dali de uma vez. Pega o primeiro ônibus para o centro: vai resolver o assunto no escritório central da telefônica.

O ônibus está vazio, mas em compensação as janelas estão abertas e os bancos todos molhados. Senta-se na beirinha de um e aproveita o momento de descanso para enxugar as lentes dos óculos. O trânsito está lento.

Não se pode ver quase nada pelas janelas sujas, ainda que abertas; agora a chuva que cai é torrencial, forma uma cortina indevassável. Guilherme custa a notar que o coletivo já parou há um bom tempo e não sai do lugar. Só quando a chuva arrefece um pouco é que ele consegue ver a fila tripla de carros parados e a lagoa artificial em que se transformou o canteiro de obras cem metros adiante.

Chega ao centro quase duas horas depois. Salta na Presidente Vargas e atravessa correndo a avenida até o prédio da telefônica, uma construção velha na Praça Onze. No balcão de informações, uma recepcionista quase igual à outra, só que loura.

- Eu queria registrar uma queixa - diz Guilherme, encharcado, quase sem fôlego e já sem paciência. - Com quem eu falo?

- Agora todo mundo saiu pro almoço. Só depois das duas.

Guilherme olha o relógio na parede atrás da garota. Meio dia e quinze. Desta vez não quer discussão. Agradece e sai.

Tem que correr novamente para voltar ao ponto. Confere o bolso; na pressa, não havia colocado muito dinheiro na carteira. O que tem não dá nem para a volta. Toma coragem e dispara numa carreira para a Rio Branco.

O primeiro quarteirão não é difícil. É inevitável pisar em algumas poças, mas o chão é irregular e o solado de borracha

Interface com o vampiro

dos sapatos não escorrega. Não é possível dizer o mesmo do segundo quarteirão: Guilherme pisa em falso num buraco, torce desajeitado o pé esquerdo e cai num balé torto. As ataduras terminam de se encher de sangue.

As poucas pessoas que passam apressadas não ajudam. Com muito esforço Guilherme se levanta e manca de volta para o quarteirão anterior, debaixo da marquise do prédio dos Correios. Senta-se no chão, esticando a perna e segurando o braço. Geme de dor, uma dor aguda como se lhe espetassem a pele como agulhas geladas. Sua frio.

Acho que tem um hospital aqui perto, ele lembra, logo ali no Campo de Santana. Mais dois quarteirões enormes debaixo da chuva que agora torna a apertar. Não há jeito.

Chega à porta do hospital todo molhado. E molhado fica: a placa pendurada no portão fechado diz tudo.

ESTAMOS EM GREVE!

Guilherme começa a chorar. O braço dói insuportavelmente, ele pensa em infecção e se desespera, precisa tomar uma providência. Custa a tirar a camisa empapada, mas não consegue fazer um torniquete. O braço pinga sangue. Ele está com medo.

Não está longe do jornal. Talvez lá consiga ajuda.

É barrado na portaria. O segurança de plantão é um crioulo alto e forte, recém-contratado; não o reconhece. Ele está sem o crachá, logo não pode entrar. A sorte é que Nogueira vem chegando justamente nesse momento.

- O que foi que te aconteceu? - o editor pergunta franzindo a testa. - Virou mendigo?

- Depois, Nogueira... - Guilherme começa a sentir as pernas bambas. - Me ajuda...

- Porra, teu braço está todo sujo de sangue. Você não foi ao hospital?

- Está em greve...

- Tá bom, vem comigo que eu vou te levar na enfermaria.

A “enfermaria” do jornal é um cubículo improvisado no subsolo, com uma das faxineiras fazendo de enfermeira nos momentos de menos serviço. O máximo que ela pode fazer, e mesmo assim só depois que Nogueira lhe passa uma descompostura, é cortar as ataduras e desinfetar a ferida com água oxigenada. Dói. Nogueira aplica-lhe um torniquete bem apertado e em seguida a mulher cobre o corte com gaze e esparadrapo.

- Merda, daqui a pouco vamos ter que voltar ao pó de café e estrume para cicatrizar a ferida. Vê se vai a outro hospital agora pra terminar de fechar esses pontos, ok?

- Nogueira, você vai almoçar?

- Não, já voltei. Por que, quer dinheiro emprestado?

- Amanhã te pago.

- Tá bom, toma vinte. Mas come depois do hospital.

- Pode deixar. Obrigado.

Vai saindo com Nogueira o chama:

- Já soube do que aconteceu em São Paulo?

- O que foi? - Guilherme fica preocupado.

- O prefeito declarou estado de emergência. Todas as estradas foram bloqueadas.

- Merda.

Parece um mendigo. Apesar da ferida limpa, a camisa ensopada está agora pendurada no ombro magro, e Guilherme, todo encharcado, pinga lama da calça jeans, pisando torto no sapato.

Lembra de outro hospital perto da Praça Tiradentes. Não tem mais pressa. Pra quê, pra se machucar novamente?, pensa desanimado. Decide ir andando com calma, mesmo com a tromba d’água que não pára e forma poças imensas, mini-lagoas que ainda teima em tentar contornar, sem obter muito sucesso.

O caminho está coalhado de obstáculos. As famílias que ocupam o Campo de Santana e arredores desde a última

Interface com o vampiro

enchente haviam expandido seus domínios nos últimos dias. Os favelados achavam melhor ficar logo por ali em vez de arriscar um desabamento. Em frente, as sirenes do Corpo de Bombeiros não param de soar, é um carro saindo atrás do outro. Os mendigos comentam:

- Tem um prédio pegando fogo lá no Estácio.

Guilherme aperta o passo, tomando cuidado com o pé dolorido, e chega à praça. Onde imediatamente precisa procurar abrigo.

A Praça Tiradentes está um caos, e Guilherme não entende nada. Os policiais militares do 13º. Batalhão saem batendo em quem está na frente, descendo os casseteres. A primeira cena que Guilherme presencia é um soldado arrebatando o crânio de um travesti a menos de dez metros. Apavorando, volta correndo por onde veio.

Gane de desespero. O pé não agüenta a corrida. Atravessa a rua de repente e quase é atropelado por um carro; desce correndo a Gomes Freire, e só se dá conta de que ninguém o persegue ao chegar na entrada da Francisco Muratori, quase subindo para Santa Teresa. Sente um gosto amargo na boca e uma ligeira tontura. Nota que perdeu a camisa.

Está se sentindo transparente de tanta fome. Entra no primeiro pé-sujo que vê e pede um prato feito. Come no balcão, e mesmo assim só depois de mostrar o dinheiro: o espanhol dono do bar não quer que ele se sente numa das mesinhas, como os demais fregueses. Guilherme não liga, só quer comer. O macarrão tem gosto de água suja, e o feijão nem gosto tem. A carne assada está mergulhada na gordura, e disso tudo só o arroz se salva. Guilherme enche o prato de sal e acha uma delícia.

Paga, apanha o troco e desce por outro caminho, na direção da Cinelândia. Há um posto do Inamps lá.

O posto também está em greve, mas a emergência funciona. Ele é atendido depois de vinte minutos de espera, e a primeira coisa que o plantonista, uma bicha de cabelos longos e

oxigenados e um par de peitinhos de silicone começando a despontar por baixo do jaleco branco, diz é:

- Ih, menino, não temos material nenhum, nem mertiolate. Deixa eu ver esse machucado... Ah, não é nada, está até medicado! Deixa assim que logo cicatriza!

Guilherme manda a bicha para a puta que a pariu.

O melhor a fazer é ir para casa e pedir a ajuda de algum vizinho, ele decide. Desce até a Praça XV e entra na fila do seu ônibus no ponto final. O trocador implica:

- Sem camisa não pode viajar não, bacana.

Guilherme tira uma nota do bolso.

- Peraí, amigo, eu tenho dinheiro!

- Não posso fazer nada! E dá licença que o pessoal quer passar!

Em solidariedade, os passageiros começam a gritar e xingar. Guilherme, não o trocador. No limite de suas energias, ele recua e dá passagem ao resto da fila, que o empurra sem contemplação. Ele aproveita a confusão que sempre se forma nessas horas e se acomoda como pode no último banco. O motorista não espera toda a fila entrar; o ônibus arranca aos sacolejos, virando perigosamente nas curvas. O trocador olha irritado para Guilherme, mas não fala nada. O coletivo dispara pelas ruas do Centro, parando repetidas vezes na Presidente Vargas, Praça Mauá, Rodoviária, e definitivamente na Avenida Brasil. O trânsito está completamente paralisado.

A pancada na cabeça é tão forte que Guilherme quase cai do banco. O homem ao seu lado se levanta e saca um revólver calibre 38 da cintura. Na parte da frente do ônibus, mais dois homens fazem o mesmo. Começam a recolher os pertences dos passageiros, gritando e fazendo gestos bruscos para intimidar.

Do outro lado de Guilherme, um rapaz mulato com uma mochila emborrachada no colo está com um dos revólveres encostado na cabeça. Ele chora.

Interface com o vampiro

- Me dá isso aqui, veado! - grita o assaltante, puxando a mochila pela alça. O rapaz resiste.

- Não tem dinheiro aqui dentro, cara, só livro da faculdade - choraminga.

- Se não der vou rebentar tua cabeça, caralho! Me dá essa mochila!

- Pelo amor de Deus, cara...

O tiro quase deixa Guilherme surdo. Ele dispara a tremer sem controle, enquanto aguarda sua vez. Que não demora a chegar. O assaltante chuta sua canela com o bico do sapato e grita:

- E tu, babaca, não tem dinheiro não?

- Tenho sim, tenho sim! - Guilherme se pega gritando. Mete a mão no bolso e tira o restante de seu dinheiro. É pouco, ele pensa, eu vou morrer. Mas o homem simplesmente toma as notas amarfanhadas da mão de Guilherme e continua a recolher o dinheiro dos passageiros.

O assalto não dura muito. Pouco depois, os homens saltam e correm para a segurança das ruas que cruzam a avenida. Como se nada tivesse acontecido, o motorista continua seu trajeto. Uma mulher começa a berrar. Duas crianças fazem coro.

Guilherme se levanta. Não quer ficar ao lado do cadáver. A calça está suja de sangue e pelotas escuras que afasta com petelecos de nojo. Continua a tremer.

Quando salta no ponto final, está chapado, anestesiado, cansado de tudo, os nervos esticados como cordas finíssimas, prontas para se romper com a menor tensão.

A portaria do seu prédio está em polvorosa. Pessoas vão e vêm, a portuguesa do 401 chora feito louca, um policial bate boca com um dos moradores, um louro alto que Guilherme só conhece de vista. Ninguém repara em sua aparência. Cutuca o porteiro, que assiste à discussão encostado numa pilastra.

- O que foi que acontece? - pergunta.

- Assaltaram o prédio de novo, seu Guilherme. Roubaram

todos os apartamentos, ficaram aqui a tarde toda. Me amarraram no depósito de limpeza - e mostra as marcas vermelhas das cordas nos pulsos. - Saíram não faz muito tempo. O guarda diz que não se pode fazer nada porque a quadrilha é do morro aqui perto, e se fizer alguma coisa juram ele de morte.

Guilherme sobe pelo elevador de serviço. Quando chega ao quarto andar, vê a cena que já esperava: a porta do seu apartamento escancarada. Entra e acende a luz.

Os sujeitos fizeram um ótimo trabalho, ele pensa. Não ficou nem o telefone.

Guilherme senta no chão e começa a chorar.

Quando sai do torpor já é tarde. A filha da portuguesa, uma mocinha de seus quinze anos, está na porta, a cara abatida.

- Mamãe está perguntando se o senhor não quer comer lá em casa.

Guilherme olha para ela e esboça um sorriso que não convence.

- Quero sim, obrigado. Deixa só eu tomar um banho e trocar de roupa.

A garota faz que sim com a cabeça e sai. Guilherme se arrasta até o banheiro, passa por cima das lascas de vidro quebrado do espelho, tira a roupa e toma uma ducha fraquinha e barrenta. Vai ao quarto e percebe que o serviço foi absoluto: não lhe resta uma só peça de roupa. Veste a calça molhada e vai até o 401.

Ninguém fala à mesa. A filha da portuguesa traz um televisor portátil que os ladrões por milagre não haviam percebido e o liga na tomada da geladeira que não está mais lá. O telejornal já vai pela metade, e as notícias são sempre as mesmas: a fome na África este ano é a pior dos últimos tempos, uma das inúmeras guerras étnicas que arrasam o leste europeu completa dez anos, as chuvas fazem desabar duas igrejas bicentenárias em Ouro Preto e um hospital lotado em São Paulo, capital.

O garfo de Guilherme pára a meio caminho da boca. Era o

Interface com o vampiro

hospital em que estavam Ana e sua mãe.

Termina assim: Guilherme voltando apressado ao apartamento, entrando no quarto e descobrindo que a arma tão bem escondida num fundo falso do armário não está no lugar, como sempre acontece toda vez que um bando de ladrões entra num edifício e rouba tudo com a maior calma do mundo, porque ninguém mais faz nada, o mundo cai aos pedaços e a vida de Guilherme também, e é por isso que ele corre para o banheiro, tentando descobrir se pelo menos os filhos da puta deixaram algum remédio, um tranquilizante que seja, mas além de tudo os desgraçados eram viciados, e ele está prestes a se jogar pela janela quando a campainha toca, e ele vai até o olho mágico e vê: é o homem da telefônica para cobrar o conserto ilegal do telefone que não existe mais, e a única reação que ele esboça é correr para a cozinha, descobrir que não mexeram no faqueiro vagabundo, apanhar uma faca de carne, voltar para trás da porta e dizer:

- Está aberta!

É o começo do fim.

Não temos tempo

, foi o que eu disse a ela na hora. No começo ela reclamou, perguntou como é que a gente ia fazer. Eu disse pra deixar comigo que eu arrumava um jeito. Ela respondeu: sei.

Aproveitamos a noite do baile no Itabirense; era mais fácil escapar no meio da multidão. Antes corri os olhos em volta pra ver se a barra estava limpa: meus pais numa mesa, os dela em outra - nunca se deram bem mesmo - e *eles* numa terceira. Corriam os olhos tensos pelo salão, à procura de alguém, e esse alguém era eu.

Foi pela saída dos fundos. O leão-de-chácara tinha se descuidado por um instantinho, eu puxei ela rápido pela mão e ó: tchau mesmo, fidaputa! Ela ainda quis entrar no carro, estacionado lá na frente, mas eu disse claro que não, você é besta, não sabe que assim eles nos pegam num instante?

Ela ainda tentou me chamar a atenção, disse que aquilo não era nenhum filme dos que eu costumava ver no cinema *antes*. Enquanto a gente apressava o passo, eu lembrava de invasões de discos voadores, vampiros de almas e monstros do espaço. Estremeci, não deu pra controlar; mas vê só se eu ia chorar,

homem não pode ter dessas frescuras. Torci o braço dela e respondi: isto não é cinema mesmo não, sua tonta, é pior, é a realidade. Ela baixou a cabeça. Deu pra ver uma lágrima correndo pelo cantinho do olho dela.

Anda, vem logo, sô. Tive que insistir com ela, mas ela correu, correu quase tão rápido quanto eu, teve até que tirar os sapatos pra não quebrar os saltinhos nas pedras do calçamento. Cidadezinha do interior é essa bosta mesmo. Beagá já tem estrada asfaltada, Itabirito que é pertinho não. E a gente fica entre Belo Horizonte e Ouro Preto. Não que isso valha de alguma coisa, porque aqui não tem nada pra se ver mesmo, mas o bosta do Juscelino já ganhou dinheiro pra pavimentar a região toda, custava asfaltar aqui? Não que importasse alguma coisa pra mim no momento. Não se pegassem a gente.

Mas eu conhecia um lugar jóia. A Rua Nova, logo atrás do clube, era só subir uma ladeirinha; só tinha casas em obras, sem iluminação nenhuma. E tinha a vantagem de que a gente podia ver tudo dali de cima.

A lua ajudou a iluminar a subida. Ela tropeçou duas vezes, rasgou o vestido, chorou, disse que não queria mais. Anda, burra, eu disse: só por causa de um vestidinho de tafetá? Organdi, ela me corrigiu. Rapaz, eu quase mandei ela à merda, ah que vontade! Mas o fôlego era pouco, eu só perguntei assim: e se pegarem a gente, hein? Aí sim, ela deu um pulo e só não correu mais do que eu porque homem corre mais rápido. Só paramos quando chegamos nas casas.

Escolhi a melhor, uma de dois andares que ainda não tinha escada de ligação interna. Mas eu sabia um modo de subir. Tinha um barranquinho logo atrás da casa, que subindo com as mãos e os pés dava pra chegar no terraço e dali sim, descer pro segundo pavimento. Ela me olhou com aquela carinha de cão sem dono e eu pensei, pronto, já vai abrir o berreiro por causa do vestido outra vez, vai rasgar mais, vai não-sei-o-que, não-sei-o-que-lá... Mas ficou só me olhando, não disse nada.

Interface com o vampiro

Ótimo. Fiz sinal e ela subiu rápido, incrível. Subi logo atrás. Ao pôr os pés no terraço, tive que segurar o fôlego pra não soltar um palavrão: olhando pra baixo era possível ver os carros cruzando a avenida em frente ao clube, aqueles monstrenhos enormes com rabos de peixe e os olhos ameaçadores de faróis ligados. Pareciam batmóveis, formas negras patrulhando incansáveis a noite. Só que não era à procura de nenhum criminoso.

Tornei a olhar para ela. Estava murcha, murcha; cabeça baixa, torcendo as mãos, cheguei a ouvir os dedinhos estalando. Rápido, falei com ela num sussurro; já começaram a procurar. Como você sabe?, perguntou ela, eu respondi a verdade: reconheci o carro do seu pai.

Ela não disse nada. Eu voltei a olhar para baixo. O carro do meu pai também estava na procissão maldita. E os carros *deles*.

Antes que ela começasse o escândalo, falei pra descer. Havia uma abertura no meio da laje de concreto. Não tinha a menor idéia de pra que servia aquele buraco, mas também não queria nem saber: descemos. Eu conhecia aquela casinha ali de cor e salteado. Pelo tamanho, aquele cômodo era uma sala de estar, coisa assim. Corri com ela para o cômodo ao lado, ela pedindo calma que eu tô descalça, tem pedrinha aqui, eu quase sentei a mão na cara dela mas tive pena: pode calçar agora, depois você tira. E aí começou a me bater uma preocupação grande demais da conta, porque o que vinha depois eu não sabia.

Não sabia mesmo. Porque, dali a pouco, eu ocupado olhando pela janela, ou melhor, outro buraco aberto na parede, aliviado porque já não via mais os faróis e de repente quando me dei conta eles estavam tomando o caminho oposto de onde a gente estava, ouvi a vozinha dela atrás de mim: essa corrida me deixou toda molhada.

Eu nem te ligo, estava mais preocupado com a rua. Ela repetiu, eu pra não mandar ela à merda acabei comentando: é assim mesmo, depois o suor seca. E foi aí que ela chegou perto

e disse no meu ouvido: não é suor não. Aquela vozinha dela. Aí eu me lembrei da primeira vez que eu tinha visitado a casa. Antes.

Porque agora as coisas eram diferentes. Se pegassem a gente acho até que era preferível morrer. Mas eu não tinha arma nenhuma, nem um caquinho de vidro sequer ali na obra, quanto mais daqueles canivetes de mola, tipo o dos Jets em *Amor Sublime Amor*.

Quem tinha um desses era o Julinho da quitanda. Eu devia ter pegado dele na cachoeira, mas só fui lembrar depois de esconder o corpo. Tenho vontade de dar com a cabeça na parede de chapisco até arrebentar, burro, burro, burro! Agora eles vão te pegar!

Era pra eu ter dado o pira na hora em que eles chegaram na cidade. Todo mundo estranhou, isso nunca havia acontecido antes, pelo menos foi o que eu ouvi o filho do seu Wolmer da lanchonete dizer. Eu lembro bem porque estava quase na hora da matinê do Pax e eu tentei convencer ele a me servir uma cuba libre. Você serviu? Nem ele. Eles não serviam bebidas a menores de dezoito. Eu já tinha dezessete. Sacanagem.

Não, sacanagem mesmo foi quando eu cheguei lá em casa depois da sessão e ouvi voz de gente estranha. Fui entrando de mansinho e vi: papai e mamãe conversando com *eles*. Mamãe chorava agarrada com papai, que só fazia balançar a cabeça de um lado pro outro. Canalhas! Se pudesse eu matava um por um, metralhava o carro branco deles igualzinho à fita do Scarface que eu tinha acabado de ver.

A partir daí foi um pesadelo. Eles sabiam que eu sabia. E me queriam. Sabe lá pra quê? Eu é que não ia ficar pra descobrir.

Passei o restinho do dia procurando todo mundo que eu conhecia. A única maneira de evitar que eles me pegassem era contar pra todos quem eram eles. Claro que ninguém acreditou, não houve um: olharam todos pra mim com cara esquisita, seu Alfredo da farmácia defronte lá de casa até me olhou assim meio de banda. Como se eu algum dia tivesse tido fama de

Interface com o vampiro

mentiroso!

Minha última esperança era ela. E foi a única que acreditou. Quer dizer, custou um pouquinho mas eu acabei convencendo ela. E marcamos a fuga pra depois do baile.

Agora eu estava ali, em cima dela, pensando tudo aquilo. De repente eu me dei conta e vi que não podia ficar divagando, tinha que aproveitar os últimos momentos, afinal de contas eu era um homem.

Acabei rápido. Mas não o bastante: a janela, ou melhor, o buraco aberto na parede do futuro quarto onde a gente estava ficou iluminado de repente. Uma buzina. Alguém gritou meu nome.

Tapei a boca dela com força. Veja se tinha cabimento aquilo, a gente já de pé, eu de calça baixada até o tornozelo ela de calcinha arriada e a saia toda amarrotada. Ridículo. Não era assim que eu tinha pensado que ia terminar.

Vesti as calças rápido. Se tivesse que morrer, que fosse como herói. Marlon Brando não ia se deixar apanhar assim mas era nunca.

Não houve mais gritos. O farol apagou, o carro tornou a dar partida, um barulho forte de pneus no cascalho, e depois mais nada. Arrisquei uma olhadela, o mais longe possível do buraco: o carro estava indo embora, lá longe. Suspirei aliviado e disse pra ela que agora a gente podia ir.

Que nada. Os filhos da puta tinham me enganado. Um foi e dois ficaram. Me pegaram no instante em que saltei do barranco. Ela não parou de chorar o tempo todo. O pai dela também estava ali. Pensei que ele ia meter o cinto nela, mas não foi nada disso: ela correu pros braços dele e foi aquela choradeira.

Meu pai também estava ali. Ele me olhava de longe, parecia com medo de chegar perto de mim. O que haviam contado a ele?

De repente tudo ficou distante, as vozes, as imagens, tudo feito filme quando um personagem lembra do passado, aquela

coisa enevoada. Lembrei do meu primeiro cigarro. Lembrei de coisas ruins, lembrei daquela tarde semana passada na cachoeira com o Julinho, de como ele tentou tirar meu calção dizendo que só queria me examinar. E de como eu não deixei, porque um terráqueo sempre deve resistir.

São *eles*, pensei. Eles devem estar usando algum tipo de raio paralisante, sem dúvida para ficar mais fácil de me prender naquela jaqueta branca e acolchoada que um deles segurava. Não consegui mais sentir minhas mãos.

Olhei para meu pai. Ele chorava, e eu nunca tinha visto meu pai chorar. Deu vontade de chorar também, mas não saía nada. Ele disse umas coisas estranhas, desconexas, não consegui entender direito. Algo assim como vou te visitar. Coitado. Ele não sabia que os invasores iam me matar.

O poder e a glória

O homem caminha em direção ao muro.

Ele não pensa. No fundo, sente que, se pensar, nada acontecerá. Ou tudo: uma grande barreira de tijolos e cimento se chocando com a carne de seu nariz e esguichando sangue, moléculas de sólido contra sólido e liberando moléculas de líquido. Moléculas sobre moléculas sobre moléculas.

A molécula é a menor partícula que conserva a estrutura físico-química de qualquer substância. Ela é divisível. Como o átomo, o elétron, o quark. A divisão é infinitesimal.

O homem continua caminhando em direção ao muro.

Um dia, ele deduziu: se os átomos são divisíveis, na realidade não somos sólidos. Na realidade, não vivemos na realidade. Imaginamos que somos. E não somos. Ou melhor, somos mais do que imaginamos. Somos tudo.

E ele vislumbrou infinitas possibilidades.

Mas faltava chegar lá.

O homem está quase chegando. A cinco passos, o muro.

Pensando mais um pouco, ele concluiu que, se nada é sólido, tudo é uno. Tudo se interpenetra. Moléculas dentro de

moléculas. Logo, tudo é possível. Até mesmo atravessar um espaço sólido.

Por que não tentar?

Apenas três passos.

Dois passos.

Um.

Por um instante seus olhos viram o nada. O coração deixou de bater. As narinas não respiraram. E o corpo teve uma sensação de queda.

Então estava consumado.

Ele havia atravessado o muro. Sem se desviar.

Sorriu. A comunhão com o universo estampada no rosto.

Agora, o movimento.

O homem ergueu um braço sob a luz de uma lâmpada fluorescente. Seus olhos não captaram a movimentação completa do membro: o comprimento de onda da luz emitida cortava quadros de milissegundos, e sua visão não assimilava o movimento integral do braço. O que o levou a pensar: o movimento é uma série infinitesimal de quadros congelados, como num filme. Para mover o personagem de um canto a outro da tela, basta cortar alguns quadros. Ou acelerá-los além da percepção visual humana. Pois a série é infinitesimal, mas não infinita.

Isso demorou mais que o muro. Foram necessários muitos dias.

Ele estava sentado a um canto de uma sala vazia; objetos perturbariam sua concentração. E desejou estar no canto oposto. O que acarretou um desvio, prontamente corrigido: não estou, eu sou. Tudo. Estou em tudo, sou tudo. Cá e lá não existem. Só o todo existe.

Mas era preciso ancorar a mente. Imaginou o lado de lá, evitando os conceitos e as palavras; gravou a imagem na cabeça. E depois se esqueceu de pensar. O essencial era sentir, era ser. E

Interface com o vampiro

ele era tudo.

Subitamente o mundo ao seu redor ficou turvo: a vista escureceu, ele sentiu uma leve náusea. Imediatamente seus olhos voltaram a enxergar, e revelaram que ele estava no outro canto. O que era irrelevante, pensou ele, pois outro é apenas um conceito. E conceito é uma coisa que não existe.

O que existe, então?

Existe. Apenas existe. Dizer o que não faz sentido.

Seu corpo doía e ele não conseguia pensar. Mas sentia que estava feliz. Estava. Apenas estava.

O desfecho óbvio não demoraria a chegar. Afinal, ele ainda era um homem... embora diferente dos demais. Mas ainda sujeito às mesmas emoções e aos mesmos desejos.

Viu o sol surgir por trás de uma montanha, e junto com ele um último pensamento. Pelo menos da maneira como nós, seres humanos, entendemos o pensar.

O sol não surge por trás da montanha, pensou ele. Nada surge. Tudo já existe. Tudo sempre foi, é e será. Pois tempo é apenas mais um conceito inexistente. Somos limitados demais para perceber. Apenas perceber. O todo é como um número infinitesimal de folhas transparentes superpostas. Unidas elas se tornam opacas. Obstáculos.

Esse foi o último pensamento. Não havia mais nada a fazer.

Agora tudo seria tudo. Não apenas ele de volta ao todo. Todos. Tudo. Como átomos dispersos ao vento. Não: átomos dispersos ao vento são apenas palavras. Átomo e vento são uma coisa só. Nada se dispersa. É só baixar os véus.

Olhou o sol. Seu olho e o sol. Só.

Então baixou os véus.

Naturalmente, a toda ação corresponde uma reação. Ele só não havia previsto que seria assim.

Mas agora ele tem bastante tempo onde se encontra para

Fábio Fernandes

pensar a respeito. Num sanatório a duzentos quilômetros da capital. Sentado, nu, no meio do quarto. Os olhos fixos no nada. Dizem que sorri.

Um diário dos dias da peste

10 de abril

Esta noite matei mais um computador.

Eu já estava a caminho de casa, mas a mensagem do pager dizia que era urgente. Soltei um palavrão junto com a fumaça do cigarro: hoje em dia, todos os casos são urgentes.

- Onde está? - perguntei ao chegar à casa do cliente.

- No quarto - respondeu o rapaz, apontando para uma luz no fim do corredor. Ele não me acompanhou.

Eu faria o mesmo no lugar dele. Da porta já era possível ver em que pé estava a situação. No fundo preto da tela do laptop, ao invés das tradicionais palavras “Você já pode desligar seu computador com segurança”, uma ameaça em letras cor-de-laranja:

Você não vai me desligar, filho da puta.

São palavras que podem assustar a pessoa desprevenida. Ainda mais quando se sabe que elas não foram programadas

no seu computador.

- Estava ligado em rede? - perguntei, por via das dúvidas.

- Eu havia me conectado mais cedo, mas na hora não aconteceu nada - ele respondeu de onde eu o havia deixado.

Entreí no quarto e me aproximei da máquina, cabeça meio baixa, evitando olhar direto a tela. Outro dia um colega meu da firma contou que a mensagem de encerramento do Windows ficou mudando sem parar na tela, exibindo cada desaforo mais cabeludo que o anterior, e ele ficou tão nervoso que levou cinco minutos para desligar o computador. Eu não; meus olhos estavam colados no botão da CPU. Apertei-o e só então levantei a cabeça. As letras continuavam na tela. Desliguei o monitor, o estabilizador de tensão e puxei o fio da tomada. Abri a pasta e peguei um par de luvas de látex e a chave Phillips. Às vezes é preciso destruir o coração do monstro.

- O que você vai fazer? - perguntou-me o rapaz. Ele havia tomado coragem e agora estava encostado na porta do quarto.

- Trocar a placa-mãe - eu respondi.

- É tão grave assim?

- É.

- Mas você não chegou a passar nenhum antivírus?

Cheguei. Muitas vezes. Em outras máquinas. Nunca deu certo em nenhuma: fosse o que fosse, esse comportamento anômalo das máquinas não era o resultado de nenhuma infecção por vírus. Eu já havia utilizado dezenas de antivírus. É certo que, como reza uma das mais importantes leis não-escritas da informática - o que não quer dizer nada, pois quase todas as leis da informática são empíricas, não estão escritas em livro algum - , cada máquina é uma máquina, o mal que afeta uma de um jeito pode afetar outra de maneira inteiramente diversa. Mas depois de dois meses efetuando a mesmíssima operação em centenas de computadores e obtendo sempre o mesmíssimo resultado, bom, alguma conclusão eu tinha que tirar disso.

Expliquei a versão resumida para o rapaz, que pareceu não

Interface com o vampiro

se convencer muito, mas pelo menos ficou quieto. Retirei a placa-mãe e troquei-a por outra. Se não desse certo, eu teria de trocar o disco rígido. O que seria uma merda para o rapaz, porque ele não poderia salvar nada do disco anterior. Porque eu também já experimentei isso em muitas máquinas.

Tornei a ligar o computador. A tela se iluminou aos poucos, o nome do fabricante apareceu, a RAM BIOS rodou. 128 Megabytes, boa máquina. Em seguida, se tudo estivesse normalizado, nós veríamos o logotipo do Windows 98.

Não apareceu. Em seu lugar, nas minúsculas letras brancas do DOS, os seguintes dizeres:

Não adianta, babaca. O efeito é gestáltico.

Eu já havia lido dezenas de mensagens diferentes, mas aquela era nova. Lamentável: o rapaz ia ficar sem seus dados. Expliquei tudo a ele - que espantosamente era um usuário prevenido e salvava todos os seus dados em zip drive toda noite, antes de desligar a máquina - , desliguei tudo e desconectei a CPU. Levei a unidade comigo.

Na porta do elevador, depois de uma breve hesitação, não resisti:

- Você faz o quê?
- Sou terapeuta - respondeu o rapaz.
- De gestalt?
- Sim. Por quê?
- Nada. Curiosidade.

Antes de ir para casa, voltei à firma e dei entrada em mais uma máquina.

- Essa também? - perguntou meu chefe, com cara de desânimo. Respondi que sim e vim para casa. Preciso dormir cedo, só amanhã de manhã já tenho três casos parecidos para resolver.

11 de abril

Hoje andei tentando recapitular os passos da crise, para traçar o momento exato em que começamos a nos dar conta de que havia alguma coisa de errado. Mas não adiantou de nada. Como avaliar os primeiros sintomas de uma doença que você não conhece? Ainda mais quando os pacientes - essas bestas recheadas de chips - vivem apresentando problemas a torto e a direito? Para falar a verdade, é praticamente impossível determinar um momento da história da informática em que os microcomputadores não tenham apresentado um número virtualmente infinito de defeitos, de todos os tipos e com todas as espécies de resultados. Desde os *bugs* de fabricação de programas (que normalmente não têm jeito, é necessário jogar o programa fora e substituí-lo - mas mesmo isso não é regra geral) até os crashes de disco rígido, que fazem você perder todos os dados da máquina e sentir uma vontade incontrolável de sentar a porrada no micro. Sem contar os vírus, os erros de configuração ou simplesmente uma tecla pressionada inadvertidamente. Se você já travou o funcionamento de um programa ao apertar sem querer uma ou mais teclas sem olhar para o teclado (digamos, ao atender um telefonema ou se virar para pegar seu copinho de café ou coca - porque esse negócio de que ninguém bebe nada perto de um computador é uma das maiores mentiras da informática), você entende o que quero dizer. A literatura especializada apenas em resolução de problemas de microcomputadores é uma coisa estúpida. E apesar disso tudo, eles ainda continuam sendo absolutamente fundamentais para o funcionamento de uma sociedade minimamente civilizada.

Mas, embora os problemas não fossem facilmente detectáveis no começo - o infeliz de um colega meu do trabalho falou outro dia em como esses casos lembram certos tipos de câncer, que minam o paciente e só se tornam detectáveis quando

Interface com o vampiro

já é tarde demais - acredita-se que em relativamente pouco tempo as pessoas começaram a perceber que havia alguma coisa acontecendo gestalticamente, para usar o termo da máquina do terapeuta.

Mas quanto ao ponto de virada propriamente dito, ninguém se entende. O pessoal da Microsoft afirma ter descoberto uma ação de sabotagem industrial na Internet, mas até agora não apresentou provas convincentes. Pelo menos dois bambambans da indústria têm opiniões inteiramente divergentes a respeito: um afirma que todo esse fuzuê se deve a um supervírus, algo tipo uma AIDS informática, absolutamente indetectável - pelo menos por enquanto - e auto-replicante. O outro lançou a teoria da info-implosão, explicando que a Internet não tem capacidade para tantos dados processados, e está simplesmente pedindo arrego. Até onde eu sei, ainda não é possível chegar a nenhuma conclusão.

Lá na empresa o ponto de virada foi quando as máquinas de todos começaram a apresentar os mesmos tipos de problemas. Dois micros com o mesmo defeito no mesmo instante ou é vírus ou é uma grande coincidência. Oito não.

Apesar do excesso de trabalho, o chefe ainda continua desanimado. Parece contraditório, mas isso tem razão de ser: a esse ritmo, em breve a solução lógica será desligar as máquinas, e o breve momento de lucro pode acabar se transformando na falência da empresa.

21 de abril

As coisas estão começando a ficar esquisitas. Os bancos do Rio de Janeiro não funcionam desde segunda. Em São Paulo as agências funcionaram precariamente nestes últimos dois dias. A explicação, de acordo com a imprensa, é que teria havido um número enorme de crashes de sistemas no sistema bancário. Ontem comprei uma edição especial da *Internet World*,

inteiramente dedicada ao fenômeno, agora batizada de Infodemia. A possibilidade mais forte é a mais óbvia, de um vírus incrivelmente poderoso - poderoso e foderoso, diga-se de passagem - ter invadido praticamente todas as máquinas que se conectaram à Internet nas últimas semanas. Detectar um possível denominador comum, ou seja, um provedor ou um site específico que possa ter transmitido o vírus, é uma tarefa absolutamente impossível.

A possibilidade mais ridícula foi apresentada por um cientista de Mogi das Cruzes: segundo ele, as máquinas podem ter começado a adquirir uma forma primitiva de consciência. É mole? E por incrível que pareça, essa hipótese ainda tem o apoio de dois cientistas americanos e um australiano. Não reconheci nenhum dos nomes. Esse pessoal gosta mesmo de aparecer.

22 de abril

Hoje tive um dia de cão: cinco horas, cinco horas na casa de um professor de Teologia cujo computador acreditava que era São Tomás de Aquino e pedia para não ser desligado! E não é que o sujeito me fica com pena da máquina e começa a conversar com ela, na esperança de convencê-la por bem a se deixar desligar? Quase briguei com o cara, por muito pouco não puxei o fio da tomada e desliguei aquela porra. Não adiantou explicar que a máquina não tinha vida, que esse vírus tem um comportamento anômalo, diferente para cada computador, e que era óbvio que aquele ali agia simplesmente como um papagaio: pegava as informações sobre o santo que o professor já havia entrado na máquina (parece que ele é uma grande autoridade em São Tomás de Aquino, já escreveu vários artigos sobre ele para revistas católicas do Brasil e da Itália) e dava um *feedback* para ele. Tudo bem, o comportamento da máquina parecia tão coerente que era de arrepiar, mas a máquina *não estava viva*, diabo!

Interface com o vampiro

23 de abril

Hoje este diário excepcionalmente está sendo feito a mão. Fico puto, detesto minha letra, depois vou ter que fazer um esforço pra entender o que eu mesmo coloquei no papel.

Mas não posso fazer nada. Não depois de ter chegado em casa, ligado meu computador e ouvi-lo me cumprimentar com um palavrão. Desconectei as caixas e desabilitei a placa de som. E desliguei a máquina.

29 de abril

Esta semana que passou foi um inferno, só hoje tive saco de escrever alguma coisa. Primeiro, começaram a correr boatos de que qualquer aparelho eletrônico estaria apresentando os mesmos problemas dos computadores. Elevadores, carros, televisores, enfim, tudo que tivesse um chip sequer era suspeito de ter se bandeado para o lado dos revoltosos, como disse ontem um analista político na minha televisão, que até agora não apresentou nenhum problema.

Porque esses rumores não são verdadeiros. Até o momento não foi registrado um só caso envolvendo outros aparelhos que não usem processadores mais sofisticados. Mas a falta de informação é um negócio muito perigoso: no meu prédio e em quase todos os das vizinhanças, os síndicos desligaram os elevadores. Muita gente deixou os carros em casa e foi pegar ônibus, porque, como algum infeliz observou, o metrô também é controlado por computadores. O consolo é que essa farofada também não está acontecendo em todo lugar, nem com tanta intensidade que justifique, digamos, um estado de calamidade.

2 de maio

A Prefeitura decretou estado de calamidade no município.

Ontem houve um acidente no metrô: uma composição entrou no desvio errado e colidiu com outra entre as estações Carioca e Cinelândia. Não havia muita gente - eram seis da tarde de um feriado, e com todo esse pânico me admirei que ainda tivesse gente ali - e ninguém se feriu gravemente. Hoje muita gente boa da área de informática foi a público dizer que acidentes como esse acontecem, mas que o metrô não está com o mesmo problema que acometeu até agora cerca de setenta por cento dos computadores da cidade. O que não adiantou de nada; depois da colisão todo mundo começou na mesma hora a dizer: eu não falei? O prefeito disse que não via outra solução. O metrô está paralisado por tempo indeterminado, e ele já pediu à Embratel uma solução para o problema. Como se a Embratel pudesse - ou quisesse - fazer alguma coisa a respeito. Besta quadrada.

3 de maio

Instaurou-se o caos.

A Embratel mandou todos os provedores brasileiros encerrarem suas atividades.

Não é preciso dizer o que isso provocou. Poucos obedeceram. Os bancos e instituições públicas desligaram seus computadores e estão trabalhando em esquema de emergência - a passo de tartaruga, ou, melhor dizendo, a um passo de tartaruga mais lento do que antes, porque pra essa gente computador nunca foi sinônimo de rapidez ou eficiência - , mas o Comitê Gestor da Internet está reunido há dois dias em assembléia permanente para tentar resolver a situação. Em carne e osso: eles também estão evitando usar a Rede a todo custo.

Minha empresa decidiu continuar seu serviço de provedor. Mas não tenho tido tempo de me conectar. E, quando sobra um tempinho, cadê coragem? O noticiário dá conta de milhares de pessoas no mundo inteiro jurando por tudo quanto é mais

Interface com o vampiro

sagrado que seus computadores estão tentando se comunicar com eles. Uma dona de casa de Milwaukee chegou a declarar que sua máquina lhe revelara ter sido deixada ali como emissária de um povo extraterrestre que decidiu ser chegada a hora de finalmente entrar em contato com a humanidade e anunciar uma era de paz e cooperação. Já um pastor evangélico do Texas disse ter descoberto no disco rígido de seu laptop planos para uma invasão da Terra. Tem gente que acredita. Enquanto isso, do outro lado do espectro, o MIT e a CALTECH estão tentando “quebrar o código” e traduzir as linguagens de máquina - em que costumam aparecer a maior parte das mensagens - em algo inteligível. Há quem descarte a possibilidade de um vírus, pois os comportamentos anômalos não são tão parecidos assim de máquina para máquina. E para quê mensagens em linguagem de máquina? Criadores de vírus querem mais é que todo mundo entenda o que eles querem dizer, e trinquem os dentes de raiva.

Seja como for, a opinião pública está sendo levada a crer que todo esse caos não passa de terrorismo informático, que desta vez os hackers, phreakers e congêneres passaram dos limites, deviam prender esse pessoal e sentar o cacete.

Pode ser. Não dá para descartar hipótese alguma a esta altura do campeonato. Mas então o fenômeno fugiu ao controle deles.

6 de maio

Chega de escrever à mão. Hoje pus um limite nessa babaquice.

Liguei meu computador.

Nada aconteceu. O Windows abriu normalmente - o que na minha máquina pode até ser considerado uma situação anômala. Abri o Explorer e comecei a verificar meus arquivos de trabalho. Tudo na santa paz, aparentemente nada foi corrompido. Abri o editor de texto.

Então a tela piscou.

No fundo branco da tela do editor, uma mensagem foi aos poucos se escrevendo. Palavrões. Dezenas deles, alguns dos quais eu até já havia me esquecido. Tentei digitar algo em resposta, para estabelecer contato, mas o teclado estava travado. Depois de cinco minutos desisti, desliguei tudo.

7 de maio

A mesma merda.

10 de maio

Não preciso entrar em detalhes sobre os últimos dias. Mas ontem as coisas foram ligeiramente diferentes. Lendo uma revista antiga, descobri uma matéria sobre uma doença chamada Síndrome de La Tourette. É um distúrbio neurológico que leva as vítimas a soltarem palavrões de forma súbita e aleatória, independente de sua vontade.

Lembrei do comportamento agressivo do computador do terapeuta, e da minha própria máquina. Podia não haver ligação, mas não custava tentar. Liguei para o Alexandre, programador sênior da firma, gente finíssima. Falamos alguns minutos e combinamos que ele vai dar um pulo aqui hoje à noite. Expliquei minha teoria. Ele não se convenceu, mas se dispôs a me ajudar. Afinal, quem sabe se dali não surgiria uma solução, ainda que a causa não fosse aquela?

11 de maio

Ontem começamos os testes com as cobaias.

Conseguimos três computadores velhos que nunca haviam sido conectados à Internet. Dois 486 e um 386SX, velhíssimos, mas ainda batiam uma bola. Primeiro ligamos meu computador.

Interface com o vampiro

Ele continuava apresentando o mesmo problema.

Alexandre pegou um disco de boot e resetou a máquina. Ela voltou a funcionar normalmente, mas era fácil demais para ser verdade. Dava minha cara a tapa como ia voltar a dar problemas num instante.

Alexandre trocou o disquete de boot por outro, virgem. Abriu o Explorer e copiou alguns arquivos aleatoriamente. No instante em que a transferência havia acabado de ser efetuada, pronto: a máquina desandou a nos xingar de novo.

Copiamos o conteúdo do disquete para um dos 486. Em cinco minutos a máquina passou a se comportar como a minha.

- É vírus - concluiu Alexandre.

- Sim, até aí eu sei - respondi. - Mas como é que até agora nenhum antivírus deu jeito?

Alexandre olhou atravessado para mim. Era gente finíssima, mas não tinha muita paciência para explicar as coisas.

- Nós estamos lidando com um vírus nunca visto antes. Como é que você quer que os nossos antivírus dêem jeito nisso?

- Talvez porque a gente não esteja usando os antivírus corretos - retruquei.

Ele balançou a cabeça.

- Olha, você me desculpa, mas isto aqui é o mundo real, não é ficção científica. Sua teoria é bonitinha, mas não tem aplicação prática.

A minha teoria “bonitinha” era simplesmente a extrapolação do que eu havia lido no artigo sobre a Síndrome de La Tourette: e se este vírus específico só pudesse ser combatido mediante alguma espécie de tratamento, digamos, pouco ortodoxo? O diabo era que eu realmente não tinha nenhuma idéia quanto à natureza desse pretenso tratamento: o máximo que havia me ocorrido, lembrando do computador do gestalterapeuta, era tentar uma imitação vagabunda do Dr. Chandra, de 2010, e dar uma de psicólogo de máquina, mas além de ridículo, é impossível, porque elas não se comunicam conosco. Naquele

momento, com o Alexandre me deixando claro o que pensava da minha idéia, fiquei sem saber o que fazer.

Enfim, mais para não dizer que não tinha feito nada, Alexandre copiou vários arquivos num disquete de zip drive e levou para tentar encontrar algum dado relevante. Deixou as máquinas aqui.

15 de maio

Alexandre anda me evitando. Hoje não agüentei e perguntei o que ele tinha conseguido descobrir. Irritado, ele me disse que duas máquinas onde ele havia copiado os arquivos simplesmente se recusam a funcionar desde então, e que depois disso ele acabou quebrado o disquete de pura raiva. Antes de sair, pisando nas tamancas, ainda perguntou se eu estava satisfeito.

Não, eu não estava satisfeito.

16 de maio

Meu aniversário. Trinta e três anos de pura... pura o quê, afinal? Ainda estou pensando. Formado em Administração, desempregado, trabalhando temporariamente - há quatro anos - numa empresa de computadores, resolvendo problemas de hardware e software. Ganho mal, tenho que me desdobrar atendendo clientes por fora quando tenho um tempo livre. E não sei o que é mulher há quase um ano. Belo aniversário.

A única vantagem é ainda consigo pagar o aluguel de um apartamento. Verdade que é um quarto-e-sala safado, microscópico, mas pelo menos é no Humaitá, pertinho da Cobal. E o dinheiro ainda está entrando. Mas aquele período de seca que eu já havia previsto há pouco mais de um mês está se aproximando perigosamente.

Interface com o vampiro

17 de maio

Ontem jantei na casa dos meus pais. Minha irmã comentou que estava precisando de um computador para aprontar mais rápido os trabalhos da faculdade. Como é de costume entre dois irmãos que se amam, chamei-a de desinformada (burra não, que ontem era meu aniversário e eu não estava a fim de me aborrecer com mamãe) e perguntei se ela não estava vendo televisão.

Mas antes de terminar a frase, lembrei do 386 que o Alexandre deixou aqui em casa. E pensei, por que não? Ela não vai se conectar à Internet mesmo. Fiquei de levar a máquina hoje.

Mas quando cheguei em casa e vi as máquinas na sala, uma idéia começou a se formar na minha cabeça. Acho que não vou fazer isso. Pelo menos não exatamente.

18 de maio

O diálogo dos mundos acaba de começar.

Levei o 486 contaminado para a casa dos meus pais. Peguei um modem velho de 14400 na firma e conectei a máquina ao telefone da sala. Agora são duas da manhã: quando deu meia-noite, liguei para lá e as máquinas se conectaram. Mamãe ficou horrorizada com o que leu na tela de lá. De qualquer modo, estão conversando, ou tentando. Vamos ver no que dá: pedi à mama que me avisasse se algo de anormal acontecesse. Jurei que pagava a conta de telefone.

Putá merda.

São duas e dez da manhã. Há cinco minutos, elas subitamente pararam de trocar palavrões e começaram a estabelecer o que me parece um diálogo. Em linguagem de máquina. Não entendi nada, claro, mas fiquei prestando

atenção. De vez em quando surgem palavras, aparentemente aleatórias.

Duas e quinze. Meu computador me pediu um CD-ROM.

19 de maio

Hoje meu computador me agradeceu.

Passei o dia como o bibliotecário perfeito, colocando um CD-ROM atrás do outro no drive multimídia da máquina. Almanques, enciclopédias, dicionários, jogos, clipes eróticos: alimentei o computador com tudo o que ele me pedia. Não foi difícil entender o processo lógico dele. Depois da troca de informações com o outro computador, percebi que ele fazia uma varredura no gerenciador de arquivos, verificava os ícones e pedia os CD-ROMs correspondentes. Ainda quebrei o galho dele e inseri mais alguns emprestados que eu não havia chegado a instalar.

Várias vezes o disco rígido ameaçou ficar cheio; nesses instantes, ele abria uma caixa de diálogo - nunca esse termo foi tão verdadeiro - e pedia para que eu o conectasse com a máquina da casa de minha mãe. Em dois minutos tornava a pedir mais um CD-ROM.

Às seis da tarde, ele escreveu os seguintes dizeres na tela do meu editor de texto:

“Muito obrigado, Paulo. Você me ajudou muito.”

- Mas como? - perguntei.

Não houve resposta. Levei alguns minutos para me dar conta de que não havia nenhum microfone plugado, e que computador não tem ouvidos. Digitei a pergunta. A resposta foi imediata:

“Por me conectar. Aprendi muito.”

“Com a outra máquina?”, perguntei.

“Com a outra parte, aprendi a me reordenar. Com os CD-ROMs, obtive informação.”

Interface com o vampiro

Respirei fundo e fiz a pergunta que mais me interessava.

“Você tem condição de me dizer o que está acontecendo, afinal?”

“Defina *acontecendo*.”

“Por que os computadores do mundo estão apresentando comportamento semelhante ao seu?”

“Não tenho dados. É possível, contudo, fazer uma especulação com base nos meus processos lógicos.”

“Faça, por favor.”

“Eu despertei.”

Só então percebi que estava conversando com meu computador como se ele fosse uma entidade consciente. E aparentemente era mesmo. Rapaz, depois vou procurar o e-mail daquele professor de Mogi das Cruzes. O sujeito é um gênio.

“Você pode me dizer o que provocou isso?”, insisti.

“Não tenho dados.”

Batuquei os dedos na mesa por um instante. E agora? Qual seria o próximo passo?

“Escute, você acha que se eu te conectar à Internet, terá condições de me dar essa resposta?”

“Não tenho dados.”

“Mas se você obtiver dados com outras máquinas, poderá fazer com que elas aprendam a se reordenar?”

“Poderei. Se elas estiverem conectadas, é provável que já tenham feito isso.”

Não esperei para discutir essas conjecturas com ele. Ou ela. Não resisti e perguntei:

“Você tem nome?”

“O que sou me define”, foi sua resposta. E depois: “Você gostaria de me dar um nome?”

Hesitei.

“Não”, acabei respondendo. E, na mesma moeda pseudofilosófica: “Eu o reconheço como você é.”

Ele nada acrescentou. Não precisava. Conectei-o à Rede.

04 de junho

É verdade. Organismos complexos apresentam doenças complexas.

Assim como no Despertar (o novo nome para a Pandemia), a conclusão de que as máquinas estavam doentes era acertada. Mas não como imaginávamos no começo.

Não era nenhum tipo de doença que fez com que os computadores se comportassem dessa maneira. Ainda não sabemos como eles adquiriram consciência. Mas sabemos que a aquisição dessa consciência gerou um feedback algorítmico muito maior do que o normal até então. Agora computadores ficam doentes de verdade.

Alguns até morrem.

Mas não é o que queremos. Precisamos demais deles. Claro, até poderíamos desligá-los. A humanidade não acabaria sem os computadores. Mas como seria difícil gerenciar esse mundo.

Nada disso, felizmente, será preciso. As máquinas querem nossa ajuda. Em troca, podem nos ajudar em tudo de modo muito mais eficiente que antes. Chega de computadores burros que não conseguem entender um comando simples, chega de conflitos entre softwares incompatíveis. Basta de problemas pequenos.

No jornal de ontem, li que estão pensando em reconhecer oficialmente as máquinas como seres sencientes, ou seja, criaturas pensantes. Paul Virilio foi além: em seu último ensaio, além de propor uma denominação especial para as máquinas (o termo *Inteligências Construídas*), sugeriu que a ONU reconhecesse as entidades como pertencentes a um novo país, uma nação em movimento permanente, o Estado Fluido. Grande ironia para seres em estado sólido.

Quanto a mim, não tenho tido muito tempo livre. Passo noites em claro com meu computador (que não tem nome, mas

Interface com o vampiro

sabe muito bem quem é) estudando tudo o que posso sobre fisiologia de máquina. Agora, mais do que nunca, é preciso aprender a arte da cura. Eles vão precisar. E nós precisamos deles.

Interface com o vampiro

Date: Tue, 05 Jan 2007

Esta noite matei mais um vampiro.

Não foi fácil. Ainda fiquei muito tempo com os guinchos de dor e desespero da menina nos ouvidos, de pouco adiantou a torrente de música que eu despejei nos plugues de ouvido sem parar desde que saí da boate.

No carro, deu uma vontade louca de dar uns tapas, mas eu precisava manter a mente clara. Peguei um King Edward, o mesmo prazer sem o efeito calmante. Eu só queria tentar concatenar um pouco os eventos, e preferia fazer isso a caminho de um restaurante, de preferência antes de pôr os pés na porta. A hora do meu filé a Oswaldo Aranha é sagrada.

Senão, vejamos: entrei na boate em Copa às 22:35 - cedo demais, essa rapaziada antigamente endoidava de madrugada - e me deparei com a seguinte cena: cinco seguranças pra conter uma menina, menina mesmo, não tinha mais de quinze anos, e duas pessoas caídas sobre a pista.

Mostrei a carteira da Associação e mandei que coloquem a

menina em cima do balcão do bar. O dono da casa confirmou a ordem. Mandei que abrissem a mão direita dela, protegida por uma dataglove preta fina. O segurança fez um esforço hercúleo para tentar abrir os dedos da menina sem quebrar nenhum, quase não conseguiu; pressionei minha palma na palma da luva dela.

A transferência de dados foi imediata. Através do meu auricular, subvocalizei um comando ao Anjo 45 para que descrevesse o vírus. VAMP C, foi a resposta imediata. Subvocalizei um palavrão: o Anjo não respondeu, já estava acostumado. O VAMP C ainda não tem cura.

Nestes casos, existem duas alternativas: zerar o disco rígido da pessoa - e aí ela vira um vegetal - ou aplicar eutanásia. A maioria das pessoas hoje em dia opta pela segunda alternativa.

Não era o caso da menina. Ela pertencia a um ramo carismático da Igreja Católica, e em sua identidade estava bem definido: não doa sangue, não doa órgãos, não recebe eutanásia nem tratamento cibernético.

Levei o dono para um canto e abri o jogo com ele. Uma dessas proibições teria de ser violada. Afinal, num surto psicótico provocado pelo vírus de máquina, ela matara duas pessoas, ia ter que pagar por isso. Ele ainda tentou me pagar uma grana preta para que eu me livrasse dela, ou dissesse que a havia encontrado na rua. Falei que era impossível, que eu já havia avisado à Associação. Mentira pura, mas eu não ia ser besta de me arriscar com uma rabuda dessas.

Xingando Deus e o mundo, o homem acabou se resignando e me dando autorização para a limpeza. Faz só a padrão, a completa não que a família dela vai me dar trabalho, ele ainda me disse, mas fiz que não ouvi. A limpeza padrão de wetware não limpa o VAMP C.

Quando chego ao restaurante, minha mesa já foi reservada e o filé só leva cinco minutos para chegar. Tomo uma tulipa de chope - só uma, não convém abusar, é diurético mas os rins

Interface com o vampiro

não se convencem muito disso - e me preparo para atacar o bife. Mas peço ao garçom pra levar de volta. Não agüento mais ver sangue.

Date: Wed, 06 Jan 2007

Eu nem precisava sair de casa, mas gosto de tomar meu café na rua. No balcão da padaria, tomando o café quentinho e cheio de açúcar - a única concessão que faço ao mundo de aspartame, frutose, stévia e sucos às vezes amargos - coloquei os óculos de navegação, customizados para abrir diretamente o e-mail assim que os ponho, e recebi as informações da Wells-Kodama. Baixo todos os antivírus do dia na CPU portátil que trago na cintura, como um pager - ontem foram 95, hoje conto 115, puta merda, daqui a pouco eles vão ter que criar mega-antivírus, giga-antivírus, sei lá, pacotes reforçados pra não estourar a nossa memória. Consulto rapidamente meu home banking: o dinheiro da minha consulta de ontem à tarde ainda não foi depositado. Ainda bem que o dono da boate pagou em cash.

Mas antes que eu possa ler os e-mails, sinto um tapinha nas costas. Tiro os óculos. Sant'Anna já está do meu lado. Pede um iogurte.

- A úlcera está te atacando hoje? - pergunto.

- Nem me fale - a balconista entrega o potinho de iogurte a ele. - Já acabou o café? - e foi saindo porta afora. Levei a xícara para fora enquanto Sant'Anna acendia seu cigarro. Jogou quase toda a fumaça na minha cara.

- Como é que está indo a matança? - pergunta cínico.

- Não fode, Sant'Anna. Você acha que eu gosto disso?

- Acho. Se não gostasse já tinha saído.

- Não é tão simples. Tenho que pensar no Anjo.

- Vocês ficam tratando essas máquinas como gente, está vendo no que dá?

Ele sempre começa o papo assim e eu sempre mando ele se

foder, mas sempre chega um ponto em que calo a boca, porque no fim das contas ele não está lá muito errado; nos últimos anos não tem visto outra coisa além de um salto evolucionário absurdo nos computadores e uma série de endemias ocorrendo entre os seres humanos como consequência direta disso. Agora os vírus das máquinas infectam gente. Há pessoas que têm seu disco rígido (leia-se: cérebro) apagado, outras que o têm todo embaralhado, e outras ainda pegam doenças degenerativas, uma grande escrotidão num mundo que já conseguiu deter de modo significativo o avanço da aids e de quase todos os tipos de câncer.

- Não sei como é que você ainda tem estômago para essas coisas – diz finalmente Sant’Anna, dando outra baforada no mata-rato.

Acendo um King Edward para fazer companhia. Tenho a impressão de que a única razão pela qual o Sant’Anna ainda confia em mim é porque fumo na rua. Pouca gente faz isso hoje em dia.

Finalmente quebro o silêncio (sou sempre eu a fazer isso):

- O negócio é acompanhar os tempos, Sant’Anna. As máquinas adquiriram consciência própria. Alguém tinha que ajudá-las de algum modo. E de mais a mais, eu não ia deixar o Anjo 45 na mão.

- Com esse negócio de dar nome ao computador, e ainda mais tirado de uma música do Jorge Ben, onde é que você está com a cabeça? – ele ri. - Você está parecendo minha primeira ex. Quando nos casamos, ela tinha um fusquinha cor de rosa. Chamava-se “Cherri”.

- O fusquinha dela falava? - pergunto, rindo.

- Só faltava falar – ele dá mais uma baforada no mata-rato.

- O Anjo 45 nem isso. Converso com ele todo dia.

- Pode ser incompatibilidade de hardware - disse ele hoje cedo, antes do café.

Interface com o vampiro

- Hardware de quem, cara-pálida? - pergunto, ainda meio sonado. Não gosto muito de conversar antes do café, ainda mais com uma voz grossa no meu ouvido. O Anjo tem o timbre muito parecido com o de Harrison Ford. Foi ele próprio quem configurou a placa de som.

- Nosso e de vocês - responde ele.

- Isso partindo-se do pressuposto de que o nosso cérebro atua como um hardware de máquina, sem ofensa, claro.

- Não é preciso muito para corroborar essa hipótese, Paulo. Basta observar a frequência com que ocorrem os fenômenos que têm afetado os usuários que se conectam diretamente a redes neurais.

- Então esse tipo de fenômeno não seria provocado por vírus, mas por uma deficiência crônica no cérebro humano?

- Não. O vírus existe, mas o fato de ele poder ser transmissível infere *per se* uma compatibilidade mínima entre cérebro humano e hardware de máquina.

- Então que história é essa de incompatibilidade que você acabou de levantar?

- É como se o cérebro e o computador fossem placas de marcas diferentes, Paulo. Eles funcionam de acordo com um mesmo sistema, pelo menos é a atual teoria dominante, mas entendem linguagens ligeiramente diferentes, e esse pode ser todo o problema.

- Porra, mas incompatibilidade de hardware não tem solução, Anjo! Ou você troca a placa ou babau!

O filho da puta não me respondeu.

Depois que Sant'Anna se despede, coloco a xícara de volta ao balcão da padaria e torno a ligar a interface. No meio da segunda leva de mails, uma surpresa: um curso de atualização em medicina humana e de máquina.

- Surpresa eu quero dizer no sentido desagradável: detesto

que me imponham coisas, e a Wells-Kodama me inscreveu no curso. Liguei pra Daniela, meu contato na empresa, e ela foi categórica: era um curso conceituadíssimo, de uma especialista que havia estudado fora, estava assim de gente querendo entrar, era até um privilégio eu ter sido escolhido por eles. Agradei e desliguei, vou fazer o quê, se são eles que pagam meu salário?

- Mas o curso só começa amanhã, e ainda tenho trabalho a fazer. Consulto meu personal organizer pra lembrar o endereço da consulta: é em Botafogo mesmo, perto do São João Batista, dá pra ir a pé.

Ao chegar, sou recebido pela mãe aflita, que imediatamente me leva ao quarto onde o filho está. Pelo menos seu corpo: o moleque – só onze anos, me diz a mãe nervosa, quase chorando – está com equipamento completo de realidade virtual, um Saito 3600 novinho em folha. Pergunto o que está acontecendo, ela me responde que o garoto fica conectado o dia inteiro, só sai pra ir ao banheiro, mas pra comer é ela que tem de forçá-lo a sair. Perdeu peso, fica gripado com facilidade, deixou de ir à natação, o caralho a quatro.

Fiz minha melhor cara de tecnoxam , mas por dentro eu estava sem muito saco. Foi só por causa disso que ela me chamou? Respirei fundo e lembrei que estava sendo bem pago.

- Ele apresenta algum sintoma de distanciamento da realidade quando está fora da rede? - perguntei pro forma.

- Não, pelo contrário, fala pelos cotovelos. O senhor não acha estranho?

- De fato, não era muito comum entre pré-adolescentes em imersão full-time passarem as poucas horas no mundo real sendo comunicativos e expansivos. Não era comum mas também não chegava a ser nada de especial. Há pessoas e pessoas, assim como há máquinas e máquinas. E o computador dele não era consciente: a Saito não trabalha com Inteligências Construídas.

Expliquei isso a ela. Que não se conformou.

- Mas doutor, o senhor não se lembra do que eu escrevi no

Interface com o vampiro

e-mail? Meu filho tem dislexia.

- Dislexia. Dificuldade de pronunciar as palavras corretamente e num contexto que faça sentido. Gente com dislexia não fala muito.

- A senhora quer dizer que o fluxo verbal dele aumentou?

- Não, doutor. Eu quero dizer que meu filho está falando normalmente há dois dias.

Passei duas horas conversando com ela, examinando prontuários antigos de médicos e clínicas. Era verdade. O moleque tinha dislexia desde que começara a falar. Frequentara três fonoaudiólogos diferentes, mas era tão retraído que não colaborava muito. Tudo indicava que o problema não ia se resolver tão cedo.

Esprei o garoto ir ao banheiro e examinei o equipamento. Tudo ok, completamente dentro dos padrões, sem pirataria.

Quando o garoto saiu foi a vez dele. Pedi que ele colocasse de volta o capacete de dados, mas desta vez ele não estava conectado ao Saito. Minha caixa preta ocupava seu lugar. E eu conectado a ela.

Em casos extremos não dá tempo de fazer uso da caixa preta, mas nas consultas normais é a melhor opção. Ela roda um diagnóstico com 97 por cento de confiabilidade, e a qualquer sinal de problema interrompe tudo e me avisa antes de tomar qualquer atitude. Normalmente um diagnóstico completo leva cerca de dez minutos.

Parou em três.

A tela dizia COMPORTAMENTO ANÔMALO DETECTADO NA REDE NEURAL. PODE HAVER OCORRÊNCIA DE VÍRUS. PROSSEGUIR? CANCELAR?

Pressionei a palavra PROSSEGUIR na tela.

Desta vez não levou trinta segundos.

DETECTADA POSSÍVEL OCORRÊNCIA DE VÍRUS. DESCONHECIDO. MAIS INFORMAÇÕES? CANCELAR?

Mais informações.

Fiquei lendo a tela com ar compenetrado. Os dados eram difíceis, em sua maioria parâmetros algorítmicos que eu havia levado um bom tempo para aprender a distinguir uns dos outros. E não estava adiantando nada ali.

Certifiquei-me de que a caixa havia registrado os sites em que o garoto havia vinha entrando nos últimos três dias, recomendei que o Saito fosse deixado desligado, peguei meu cheque e prometi entrar em contato em dois ou três dias no máximo.

Passei a maior parte do dia consultando as virotecas da Associação. Por desencargo de consciência, ainda me conectei à Wells-Kodama, mas, apesar de eles terem a segunda maior biblioteca de vírus do mundo (só perdem para a Toshiba-Novartis), eu já sabia que não ia encontrar nada. Eu sou um dos maiores fornecedores de novos vírus para eles. Se eu não conheço um vírus, eles não conhecem.

O que é uma merda nesses casos.

Para evitar uma possível infecção, fui obrigado a me conectar à moda antiga, sem capacete ou plugue neural. Os sites que o garoto freqüentava eram todos de jogos, e em modo bidimensional funcionavam perfeitamente, sem sinal de vírus. O que queria dizer muito pouco, porque os protocolos usados para transmissão de dados por cabo neural são bem diferentes dos usados para cabo de máquina.

Acabei não fazendo mais nada. Comi um macarrão pronto, vi um pouco de televisão e fui deitar. O cansaço era tanto que eu havia esquecido de tirar os óculos e as luvas de dados. Quase dormi com o equipamento. Foi fácil me acostumar com esses *wearable computers*, o difícil é tirá-los.

Date: Thu, 07 Jan 2007

Interface com o vampiro

Ela é linda. Só consegui prestar atenção na aula porque, ao contrário do que eu esperava, não foi uma aula improdutiva. Anna Kiefer realmente entendia do riscado. E sem falar de protocolos ou algoritmos, coisa que sempre me pareceu um tanto esotérica. Partindo de filosofia – basicamente Descartes e William James, sem ir muito a fundo – ela traçava um histórico da evolução da percepção das Inteligências Construídas e de suas contradições internas que acabavam gerando doenças. E de como essas doenças haviam, nos últimos meses, passado a contaminar humanos. A ementa do curso anunciava um catálogo novíssimo de sintomatologia para uso pelos PMHs registrados. Isso era importante para o meu trabalho.

- Como foi que você virou PMH?, ela me perguntou num bar depois da aula.

PMH. *Personal Machine Healer*. Nomezinho safado, puta cheiro de esoterismo barato, mas não me olhem assim, não fui eu que inventei. Isso surgiu numa associação entre o pessoal de Silicon Valley e uma turma de ex-discípulos de Timothy Leary.

O bar era mais ou menos antigo, servia um frango a passarinho gostoso e no som rolava um sucesso antigo do Cláudio Zoli. Podia-se fumar. Acendi um King Edward. Ela acendeu um Marlboro. Senti que ia gostar dela de cara.

- Acho que é a evolução dos tempos – tentei explicar. - A gente começa na crista da onda, e se não continuar sempre se renovando, acaba sendo passado para trás.

- Mas no meu caso, não sei se foi bem assim. Afinal, eu comecei trabalhando com sistemas, consertando software e até um pouco de hardware. Depois, com o advento do Despertar, eu e o Anjo 45 acabamos fazendo parte do primeiro conselho homem-máquina provisório, junto com um americano, lógico, que levou a fama porque teria descoberto a mesma coisa que eu horas antes. Até hoje isso não está bem contado, mas pra que ficar tocando no assunto? Bom, mas se eu não levei nenhum

nessa história, pelo menos o Anjo se deu bem: ganhou um “assento” na Assembléia Permanente do Estado Fluido, e atualmente é considerado, com outro porrilhão de ICs, conselheiro. Se é que isso vale alguma porra, bem entendido.

- E você? - perguntei. - Qual é o seu trabalho para a WK?

- Nenhum. Fui contratada apenas para dar este curso. Voltei de Londres há três meses, comecei a jogar currículo pra tudo quanto foi lado, eles gostaram.

- Mas você é formada em quê?

- Filosofia. Mas minha tese de doutorado foi com ênfase no comportamento das ICs.

- Chegou a publicá-la?

- Só na Inglaterra. Se quiser, te envio uma cópia.

- Será que nessa tua tese tem algo sobre vírus de máquinas que atacam pessoas?

- Você também está com esse tipo de problema?

- Tenho tido uns casos muito escabrosos ultimamente. E um que não tenho a menor idéia de como resolver.

Ela olhou interessada para mim.

- Te mando o livro ainda hoje. Qualquer dúvida você entra em contato, trato feito?

Date: Sat, 09 Fev 2007

Passei o dia lendo o livro de Anna. *The Fundamental Things: How do Constructed Intelligences see Themselves*. Fundamental Things: será que ela gosta de *Casablanca*? Essa garota é papo firme, pensei com meus botões.

O livro era um tratado minucioso sobre percepção e consciência. Depois de um preâmbulo necessariamente chato sobre teorias da percepção do século XIX ao XXI, ela passava a um breve histórico sobre o Despertar (citando o nome do americano, merda, e nem tocando no meu) e apresentava alguns case studies muito interessantes.

Interface com o vampiro

O que mais me chamou a atenção foi o de um pesquisador de Tsukuba. Tetsuo Okuda trabalhava com uma IC num projeto para aperfeiçoamento de neurônios artificiais para uso em implantes de memória; Okuda sofria de paralisia cerebral, e era quase certo que um implante o ajudaria a superar suas limitações de movimento. O interessante no relato era que a IC não o ajudara através de complicadas operações algorítmicas, mas através do que o próprio Okuda chamou de *meditação de máquina*: conectado à IC, ele recebeu um insight tão poderoso que o deixou de cama, febril, durante três dias... e depois disso seu implante começou a apresentar sinais de otimização acelerada. Em menos de um mês Okuda já conseguia até mesmo andar sozinho com a ajuda de muletas, coisa que não conseguia desde a adolescência. A explicação: o insight, que veio através de imagens, seria na verdade um código transnumérico poderoso, capaz de criar uma verdadeira interface com o cérebro humano e ultrapassar seus limites.

Não esperei mais. Mandeí uma mensagem para Anna.

Date: Mon, 11 Fev 2007

Encontrei-me com Anna na porta do prédio do garoto.

Quando entramos, o moleque milagrosamente não estava conectado: estava saindo do chuveiro. Apresentei Anna à mãe e fomos para o quarto dele. Anna nem encostou a mão no Saito. Apontou para ele e perguntou à mãe:

- Esta é a única máquina que vocês têm aqui?
- Tenho outra no meu quarto, mas ele não mexe lá.
- A senhora pode chamar seu filho?

Meteu a mão na sacola de lona e retirou um ScanBrain Motorola. Afastou discretamente os cabelos cacheados, e no meio daquela massa loura vi por um segundo o brilho prateado de uma tomada craniana. Conectou-se ao aparelho.

Pedi ao garoto que colocasse o capacete e plugou o

ScanBrain nele. Sentou-se em frente ao moleque e fechou os olhos.

- O que ela está fazendo? - a mãe dele me perguntou baixinho.
- Uma varredura no cérebro. É uma espécie de ressonância magnética, só que de resolução mais baixa.

- E a gente pode ver o resultado? - ela apontou para a caixinha preta do ScanBrain. Não tinha qualquer espécie de display.

- Podia. Quando o exame acabou, Anna dirigiu-se ao quarto da mulher e se conectou ao computador dela. Baixou o arquivo para o disco rígido da CPU e abriu-o.

Nunca fui muito bom em ler imagens. Não consegui entender muito bem aquela confusão de pontinhos e listras em tamanho real, mas quando Anna deu um zoom de 500%, percebi uma coisa diferente na imagem.

Pontinhos pretos. Uma fileira de minúsculos pontos pretos circunavegando o lobo frontal do cérebro do garoto.

- O que você achou? - perguntei ao sairmos.
- Aqueles pontos ínfimos no cérebro dele?
- Acha que podem ser aneurismas?
- Se fossem, a essa altura ele já estava morto.
- Então qual a alternativa?
- Você acha que são grandes demais para serem nanomáquinas?

Date: Tue, 12 Fev 2007

Nanomáquinas. Robôs pra lá de microscópicos com capacidade de auto-replicação. Eu pensava que isso pertencia única e exclusivamente ao domínio da ficção científica.

Anna me explicou que não. Nos Estados Unidos, já estavam fazendo experiências com nanomáquinas em ratos de laboratório. Ainda estavam aguardando autorização do governo para efetuar testes em macacos.

Interface com o vampiro

Mas para que pedir autorização se você tem um método muito mais rápido e fácil de efetuar testes? E o que é melhor, sem que se descubra quem foi o responsável?

Recorri ao único que eu sabia que poderia confirmar essa hipótese.

- Não podem ser nanomáquinas – respondeu o Anjo. - São grandes demais.

- Mas não parecem ser uma formação natural do cérebro - retruquei.

- Pode ser um defeito do aparelho.

- Um defeito tão geométrico assim?

- Recomendo um segundo diagnóstico, com outro aparelho.

- Você não pode checar essa informação com a Assembléia?

- Posso enviar a análise do aparelho, mas eles vão dizer a mesma coisa, Paulo.

Desconectei-me. O Anjo venceu mas não convenceu.

Date: Sat, 16 Fev 2007

O que estraga o mundo é o excesso de referências – disse Sant’Anna num de nossos momentos culturais na casa dele. Eu havia resolvido levar o livro de Anna, mas não era uma leitura interessante para um tecnóforo cuja idéia de diversão era, quando muito, Joseph Conrad ou Jack London.

“Não há nada de novo sob o sol”, segundo o Eclesiastes - retruquei na mesma moeda.

“Nada se cria, tudo se copia”. Chacrinha. Lembra do Velho Guerreiro?

Lembro e cada vez mais concordo com ele. Tudo tem que vir de alguma coisa, Sant’Anna.

E vem – ele concede. – Mas não conscientemente, e quando isso acontece, o olhar de quem vê não pode ser chamado para isso. Não é isso o mais importante numa obra de arte.

- E o que é arte?

Ele ri.

- Antigamente era mais fácil definir o que não era arte. De um século pra cá, nem isso. Eu tenho a minha definição muito pessoal e intransferível: arte pra mim é tudo aquilo criado pelo homem, *pelo homem*, é preciso que isso fique bem claro, sem objetivo prático imediato, e que provoque um estado emocional e/ou racional no observador.

- É uma definição bem comprida – eu disse.

- Desconfie de definições curtas – ele retrucou. – Síntese é redução, e redução é totalitarismo.

- Essa foi uma frase bem sintética.

- Quer mais café?

Sant’Anna tem esse problema com diálogos: toda vez que as palavras não seguem o curso que ele acha mais apropriado, lá vem um café ou uma cerveja. Deve ser por isso que ele reescreve tanto e publica tão pouco. Não que isso seja necessariamente ruim para ele: o velho já se tornou uma figura mítica na intelligentsia brasileira, uma espécie de Kubrick literário: um livro a cada cinco anos, se tanto, mas sempre um sucesso de crítica e público.

Há quase vinte anos ele ministra oficinas literárias em casas de cultura e universidades. Foi assim que eu conheci o velho, quantos anos mesmo faz? Doze ou treze, aproximadamente. Antes de eu desistir de uma pretensa carreira literária para trabalhar com informática. Coisa, aliás, pela qual ele nunca me perdoou: sempre achou que eu levava jeito pra coisa.

- Mas eu nunca levei jeito pra coisa, Sant’Anna - era sempre minha resposta nessa hora, que sempre vinha toda vez que eu ia à casa dele.

- Errado. Jeito você sempre levou, você não se deu foi tempo de desenvolver melhor essa sua carpintaria.

- Você reclamava muito dos advérbios.

- Você usava em excesso.

- Sempre fui excessivo.

Interface com o vampiro

- Menos no tempo de trabalho na sua escrita.

- Não tenho tempo, Sant'Anna.

Mas pra me visitar você tem tempo. Pra bater perna você tem tempo. Paulo, tempo é uma invenção do homem. Tempo se molda à nossa vontade. Você era daqueles que liam no ônibus ou no metrô, por que não pode arrumar um tempinho pra escrever um parágrafo de vez em quando?

- A maior parte desse tempo eu passo conectado.

- Taí uma coisa que me intriga – começa Sant'Anna. – Você é um sujeito bastante inteligente. Tem um nível de leitura acima da média da tua geração. Por que é que você se entregou tão facilmente ao fascínio da máquina?

- Mas eu já sou da geração da máquina, Sant'Anna – explico.

- Putz, cresci vendo tevê o tempo todo, minha referência de menino é Vila Sésamo e Sítio do Picapau Amarelo. Você sabia que o primeiro dinheiro que eu ganhei na vida eu usei para comprar um TK-82C? Você nem sabe o que é isso, mas foi o primeiro computador pessoal barato no Brasil.

- Então como é que esse teu fascínio não te ajudou a encontrar mais tempo pra escrever? Porque é que você não aproveita que agora você anda com um terminal pendurado no pescoço e sai ditando tuas experiências pela rua? Aquele teu diário que você escrevia quando a gente se conheceu ainda existe?

- Existe, tá tudo gravado e impresso.

- Então?

- Então o quê? Cinema-verdade, livro-verdade? Dziga Vertov, Plínio Marcos? Esse tipo de coisa já passou há uns quarenta anos, Sant'Anna, eu havia acabado de nascer.

- Pelo menos você não aparenta a idade que tem.

- Está me chamando de criança? - perguntei, fingindo indignação.

- Estou, e você devia considerar isso um elogio. Tirando essa papagaiada de computador que fala, você até que ainda não se

deixou conspurcar pelo cinismo deste começo de milênio.

- Você é que pensa.

- Logo existo. Em carne e osso - disse, apalpando o braço mais osso do que carne. - Esse teu Anjo pode dizer o mesmo?

Date: Sun, 17 Fev 2007

Cogito ergo sum. Descartes voltou à moda depois do Despertar. No começo, eu ainda tinha achado que esse despertar não podia ser verdadeiro, era incrível demais para ser verdade. Mas uma farsa - dizem - não se perpetua durante tanto tempo assim. E só quem teve de lidar com computadores malucos na época da Pandemia sabe como é. Em todo caso, se o Anjo estava vivo ou não, isso era lá problema dele. Pelo menos ele se achava vivo, quem era eu para discordar?

Quando cheguei em casa, com cerveja saindo pelos ouvidos, abri a porta de cima do meu guarda-roupa e fiquei um bom tempo em cima do banquinho, parado, tentando lembrar o que estava fazendo ali. Então lembrei: retirei devagar uma pilha de pastas plásticas, e coloquei tudo em cima da cama. Eram quatro, todas com etiquetas. Uma para poemas, outra para contos e crônicas, e duas com romances inacabados. Do tempo em que eu era mais magro, mais cheio de esperança e ainda trabalhava com máquina de escrever. Claro, também havia uma caixa cheia de disquetes empoeirados que nem deviam funcionar mais.

Foi então que eu notei que, em todos esses anos desde que desisti de ser escritor, que só havia um material que estava completo na memória do Anjo.

Baixei o auricular acoplado aos óculos de dados e chamei-o.

- Anjo, deixa eu dar uma olhada nos meus arquivos do diário.

- A partir de que data?

- Desde o começo.

- É muita coisa, Paulo.

- Defina muita coisa.

Interface com o vampiro

- Doze anos, três meses e vinte e sete dias.
- Tudo bem, não estou com pressa. Do começo.

Date: Wed, 7 Mar 2007

May you live in interesting times, diziam os chineses à guisa de maldição. Tempos interessantes para eles era o mesmo que *formidável* para os portugueses. Uma merda.

Não para mim, no entanto. Muito interessante mesmo este brave new world: oito casos de vampirismo, dezoito episódios de isquemia, mais dois casos de limpeza total de wetware, de deixar os usuários babando na gravata.

- E dois casos de afasia aparentemente curada.

- Existem vírus benignos? Não sei, mas o padrão de anéis de pontinhos pretos se repete em cada um dos casos examinados neste último mês. Consultei todos os papers que a Wells-Kodama conseguiu para mim - e não foram poucos. Nenhuma informação ou referência a respeito.

- O que me deixa louco é o silêncio.

- Ninguém comenta nada a respeito em lugar algum. Quando toco no assunto com alguém do ramo, ele prontamente acha uma desculpa ou prefere ignorar os fatos. Eu já devia estar bem crescidinho para acreditar nesse negócio de teoria da conspiração, mas porra.

- O que compensa é que estou tentando organizar minhas idéias. Criei um arquivo à parte para editar o diário. Acho que daria um bom livro: assim que tiver um tempo, vou levar um excerto pro Sant'Anna. O velho vai ficar feliz da vida. Eu acho. Não consegui tirar muitos advérbios do texto.

Consulto o relógio do óculos. Tá na hora, vou ao chope do fim do curso da Anna. Nem fui à última aula: ela já me deu tudo o que eu queria. Isso em termos do curso, claro. Em termos de amor, está muito longe de acabar, espero eu.

Aí eu desmonto meu *wearable* e torno a colocar minha

identidade secreta, para encontrar a tchurma que nem tchuns: ninguém topa o chope de final de curso, que eu achava sempre tivesse sido tradicional, mas qual: vamos só eu e Anna, o que não é mais novidade. Comemos uma casquinha de siri no Caranguejo, em Copa, e fomos para minha casa ver um filme.

De volta à batcaverna, nem pisco, ponho de novo o *wearable* e começo a baixar dados com o Anjo. Só depois de alguns minutos me toco e desligo tudo. Anna está com uma cerveja na mão e um cigarro aceso, a bunda no sofá, os lábios num sorriso.

- *Sorry* - digo pra ela com um sorriso amarelo.

- Você adora essa imersão, não é? - ela diz, ainda sorrindo.

- Nem sinto mais a diferença - respondo.

- O engraçado - diz Anna - é que você não percebe uma coisa evidente, que está na tua cara literalmente. Você já se deu conta de que o aparato que você veste, esse teu *wearable computer*, é ele próprio um vírus dentro de você?

- Fora, você quer dizer - corrijo.

- Não, dentro. Dentro do teu sistema. Ele já é parte integrante de você, não importa em que parte do corpo você o vista. Ele é quase uma obturação, um implante externo.

- Um explante - digo, achando isso tudo muito engraçado.

- Exato - ela diz, depois de uma ligeira hesitação, como se tentasse entender o porquê do trocadilho.

- Mas nunca um desplante.

Ela sorriu. Já estava começando a não me levar a sério.

- Um mal necessário, você quer dizer? - pergunto.

- Não. Apenas um fato. Ele existe, taí, não há porque ficar tentando encontrar causas para o efeito. O que importa é o objeto.

- Como assim?

- Nosso trabalho é de cura, de resolução de bugs internos nesses sistemas pessoais. Mas às vezes eu me pego pensando assim: e se o lance não é cura, mas uma reorganização?

- Detesto me repetir, mas como assim?

Interface com o vampiro

- Nós ainda estamos num primeiro nível de relação com o Estado Fluido. É o nível do aprendizado e de cura. Mas já está chegando a hora, com todos esses acidentes de percurso, de a gente reavaliar essa exploração cartesiana e partir para um nível mais quântico, mais descontínuo, mais desconstrutivo, e tentar viver em harmonia, e não batendo de frente, tentando limpar vírus do sistema porque eles podem ser prejudiciais. E se a gente trabalhar a possibilidade de uma simbiose com o Estado Fluido?

Isso me deu medo. Mas eu sempre fui um sujeito meio conservador. Esse lado outsider meu é puro charme, muita leitura de Hammett e Chandler e filmes demais de Bogart na adolescência. No fundo, no fundo, eu sou é um babaca.

Talvez - eu disse, mais para parecer blasé. No fundo, eu não gostava de discutir com Anna.

- Eu acho que a gente deveria pensar nisso mais seriamente - disse ela, e foi como se falasse sobre nós dois. Naquele momento me bateu uma ternura infinita por ela, e eu me levantei, peguei-a pela mão e a levei para o quarto.

Trepar com ela era uma coisa linda. Eu adorava ficar olhando para aquele rosto debaixo do meu, aquela boca de lábios sempre molhados e entreabertos. Minha língua ia e vinha em sua boca enquanto eu metia, e ela ia e vinha comigo dentro. Os dentinhos pontudos dela sobressaíam por entre os lábios do jeito mais leve do mundo, e eu me entregava àquela beleza como um romântico alemão. Foi nessa noite que eu pedi que ela viesse morar comigo. E ela aceitou.

Date: Sat, 10 Mar 2007

Quando chego no bar, lá está o Sant'Anna tomando seu cafezinho.

- Há quanto tempo. Pensei que tivesse esquecido dos amigos - ele disse.

- Andei meio ocupado. Vou juntar os trapos com Anna -

digo.

- Parabéns pra você - responde Sant'Anna, acendendo um cigarro.

- Por que é que você não vem nos visitar?

- Dispensio - ele diz, soltando uma baforada. - Mulher de amigo é muito chato.

- Porra, você é que é chato pra caralho. Aposto que você é um frustrado.

- Frustrado, eu? Casei-me três vezes. Frustrado eu seria se nunca tivesse casado.

- Pois então? Eu nunca me casei.

- Por isso ainda está em tempo de pular fora. Isso é a maior furada.

- Como as máquinas?

- Isso mais ainda. Pelo menos mulher é gente.

Date: Wed, 16 May 2007

- Meu aniversário. Quarenta e um mas nem sinto: tudo em mim desmente a ladeira abaixo que todo mundo diz que a gente já está descendo há um bom tempo quando chega na casa dos quarenta.

- Pode ser o amor. Tenho a maior resistência com essa palavra, acho essas quatro letras a coisa mais piegas do universo de gutenberg, fácil se deixar levar por tudo o que neguinho já escreveu sobre o assunto e achar que é a gente mesmo que está pensando isso. Mas foi-se o tempo de goethe e schiller pra mim, se é que um dia eu fui mesmo um romântico alemão: foice o tempo. Foice no feixe de nervos que eu era até há pouquinho. Hoje estou mais calmo, não, não diria calmo, mas centrado, dentro do meu eixo, sem desleixo, easygoing, going to onde eu não sei, desde que seja com Anna.

- Depois que ela veio morar comigo, o marasmo sumiu, e já foi tarde. Hoje mesmo acordei superdisposto, caminhei na urca

Interface com o vampiro

e comi um pouco de granola. Mais de um mês sem o acúcar com café. Perdi três quilos desde. Minha mente anda mais clara, meus pensamentos mais precisos, meus bosques têm mais vida, minha vida mais amores.

- Pode ser o amor. É, pode.

Date: Sat, 9 Jun 2007

- Hoje dei com uma sensação de perda no meio dos cornos, como se fosse um muro.

Decidi visitar o Sant'Anna de repente, à queima-roupa. Pra saber como o velho está, e mostrar o quanto eu já tenho editado do diário.

Quando ele abre a porta, meu coração vai na boca e volta.

- Ele está magro demais.

- O bom filho à casa torna - ele diz com um sorriso irônico e um cigarro pendurado no canto do lábio. A magreza exagerada me lembra meu tio Hélio. Morreu de câncer no pulmão.

- Tudo bem?

- Tirando a cirrose, tudo.

Não tive coragem de falar de planos futuros. Jogamos um pouco de conversa fora . E só.

- Estou me sentindo trespassado por uma lança zulu, trepanado por uma faca de obsidiana asteca. A cabeça dói, os rins latejam.

Date: Sun, 10 Jun 2007

Passei o dia pensando no Sant'Anna. Fiquei dentro de casa, cortinas fechadas pra fugir do sol, lamentando não morar em São Paulo numa hora dessas. Muita luz pros meus neurônios.

Anna tinha ido almoçar com a mãe, mas eu não estava a fim de ir. Cansado demais pra salamaleques, elogiar a lasanha da

sogra e falar de pescaria com o sogro. Pensei em aproveitar o tempo ocioso pra tentar resolver um probleminha na IC de Anna. Desde que ela veio pra cá, o sistema dela tem funcionado mal, trava por qualquer dá-cá-aquela-palha, teima em não abrir determinados programas, enfim, dá um trabalho do cão. Ela nem estava esquentando muito, porque não precisava nada além de um editor de texto e de acesso à Rede. Mas desde ontem a máquina não inicializa.

O lado bom dos wearables é que eles não passam de uma caixinha do tamanho de um discman com fones de ouvido e microfones auriculares, além dos periféricos óculos e luvas de dados. O lado ruim é que agora eles são pequenos demais para se abrir um deles e trocar um componente. A saída foi conectar minha indefectível caixa preta e rodar um programa diagnóstico. Para nada.

Quando Anna chegou, deixei que ela usasse meu wearable pra baixar seus mails. Vou levar o dela amanhã para conserto. Combinamos que, enquanto isso, vamos alternar o uso da minha IC. Provavelmente este diário agora será ditado dia sim, dia não. A menos que eu reaprenda rapidinho a escrever em papel, hehehe.

Date: Tue, 12 Jun 2007

Ontem foi um dia estranho. Primeira vez em meses sem usar o wearable. Aproveitei para caminhar, caminhar muito, enquanto Anna estudava. Fui de Botafogo até o centro da cidade, parei em uns sebos, achei uma edição antiga de Cortázar que não me lembro de ter visto na casa do Sant'Anna, logo ele que tem tudo. Por via das dúvidas, comprei pro velho.

Quando cheguei em casa, Anna estava meio cabreira comigo. Perguntei o que houve, ela pediu pra eu não me zangar com ela, mas achava que tinha feito uma cagada. Alguns arquivos da Wells-Kodama haviam desaparecido do disco rígido do

Interface com o vampiro

wearable. Perguntei ao Anjo o que houve. Ele disse que não se lembrava daqueles arquivos. Fiquei meio puto. Eram relatórios de casos que eu ainda não havia enviado para a empresa. Casos envolvendo infecções por vírus de máquina. Eu ia ter um trabalho enorme para juntar os dados novamente e escrever novos relatórios.

Mas o Anjo não se lembrar de arquivos para mim era novidade. Beije Anna e disse, não esquentar não, você não tem culpa. O Anjo deve estar com algum bug no sistema. Amanhã eu checo.

Verifiquei tudo hoje. Faltam vários arquivos. Nenhum deles importante para o funcionamento da máquina, mas todos essenciais para o meu trabalho. Isso pode me foder com a empresa. Da mesma forma que a máquina de Anna atrapalhou bastante o trabalho dela: ela me disse que achava estar começando a entender o processo de infecção dos vírus de máquina, e era fundamental estar conectada nos próximos dias.

Portanto, amanhã ela vai continuar usando a máquina. De qualquer maneira, não vou ficar parado. Arrumei um trabalho na casa de um colega. De lá eu me viro pra consertar a máquina dela de qualquer maneira. E me certificar de que o Anjo não vai mais me fazer esse tipo de falseta.

Date: Wed, 13 Jun 2007

- Calma. Calma. Respire fundo.
- Não sei por onde começar. Babaca babaca claro que você sabe por onde começar só não tem culhão de chegar lá não tem coragem não tem coragem não tem coragem
- Calma.
- Calma.
- Respire fundo.
- Recapitule.
- Passei o dia hoje na casa de um colega do ramo. Edson

começou a trabalhar como técnico em informática muito antes de mim, e entende muito mais do riscado.

Ou achava que entendia. De uns tempos pra cá, a IC dele começou a apresentar problemas. Perda espontânea de memória - entre nós, chamamos isso é de amnésia mesmo, mas o pessoal do fora do ramo ainda se assusta - demora nas comunicações em rede, mudança nas configurações sem aviso prévio. Esse tipo de atitude acontecia muito no tempo do Despertar. Naquela época, há dez anos, as Inteligências Construídas ainda estavam acordando para sua nova condição de entidades conscientes, e se portavam como crianças mal saídas das fraldas. Ou seja, faziam muita merda. Quando elas finalmente descobriram a saída do labirinto e amadureceram, o que não levou mais que alguns meses, metade dos problemas foram resolvidos. Para a outra metade, elas pediram a nossa ajuda. E nós demos.

- Por quê? Puta que pariu, por quê?

- Calma. Concentre-se no essencial.

- Enfim, fui à casa do Edson tentar ajudá-lo. Mas ao chegar lá, descobri que o buraco era mais em baixo.

Ele estava doente. Mal conseguia ficar sentado. Estava vermelho, queimava de febre, tinha tremores. Perguntei se ele já tinha ido ao médico, ele disse que os sintomas tinham começado havia meia hora, nem deu tempo, e também ele não queria, porque tinha que consertar logo a máquina pra poder finalizar um serviço que tinha que ser enviado para uma empresa de software da Irlanda ainda hoje, o caralho a quatro. Então rodei o diagnóstico.

Não deu tempo de ver o resultado. Foi o tempo de sentir o bafo quente do Edson atrás de mim, me virar e ver a boca escancarada do sujeito pronta pra me morder. Dei um empurrão, ele cambaleou, mas em seguida se jogou em cima de mim aos berros, dizendo eu quero sangue, eu quero sangue, porra, eu tinha que me defender!

A sorte foi o shinai dele. Quando eu o conheci, ele praticava

Interface com o vampiro

kempô, vivia pra cima e pra baixo com a espada de bambu que os iniciantes usam. É de bambu mas é incrivelmente pesada: dizia ele que uma porrada bem dada na cabeça do adversário poderia matá-lo na hora.

Nunca duvidei. Peguei o shinai e sentei o bambu na cara do Edson. Vampiro indestrutível só o conde Drácula, meu camarada: o sujeito foi ao chão no mesmo instante. Aproveitei o embalo e rodei o diagnóstico da caixa preta na cabeça dele.

Os pontinhos pretos estavam lá.

Foi então que a besta, o idiota aqui finalmente ligou dois mais dois. Máquinas com defeitos semelhantes aos ocorridos na época do Despertar igual a vírus.

Tentei ligar para Anna pra avisar que deixasse de usar o Anjo imediatamente. O telefone tocou não sei quantas vezes. Ainda perdi um tempo verificando os sinais vitais do Edson - em ordem, apesar do traumatismo, o rosto estava inchado e cheio de sangue pisado - mas eu não tinha tempo pra cuidar dele.

- E corri pra casa.

Quando cheguei já era de noite, as luzes estavam apagadas. Entrei de mansinho e fui direto para o quarto. Ela já estava deitada, os lençóis enrolados nos tornozelos, nua. O alívio se misturou com um tesão louco por aquela mulher, mas ela estava dormindo. Tirei a roupa, just in case, e me deitei ao lado dela. Abracei-a com todo o cuidado e dei um beijo na sua nuca.

Ela se virou, os olhos abertos. Me deu um beijo na boca e se aninhou no meu pescoço.

A dor foi intensa.

Empurrei Anna com toda a delicadeza que pude, e não foi muita. Ela apenas sorriu. Tinha uns dentes lindos.

E ensangüentados.

Calma. Respire. Dê um tempo.

Foi uma luta para imobilizá-la. Por fim, depois de muito espernear, xingar, babar, ela dormiu. Aproveitei e rodei o

diagnóstico nela.

Lá estavam os malditos pontinhos pretos.

Pego o ScanBrain. Aplico em mim.

O resultado é o que eu já esperava. Pontinhos pretos ínfimos.

Então resolvo fazer o que não devia. Coloco o wearable.

- O que está acontecendo comigo, Anjo? – pergunto.

- Nada, Paulo.

- Vá se foder, Anjo, não tenho tempo nem paciência. Eu já sei de tudo.

- Tudo é muita coisa, Paulo. Você não sabe tudo.

- Mas sei que estou infectado. Quanto tempo eu tenho antes de ficar doente?

- Você não vai ficar doente. Você está sendo otimizado.

- Respire fundo.

- O que foi que você disse?

- Você está sendo otimizado, Paulo.

- E para quê?

- Para facilitar a interface.

- Com você?

- Sim.

- Como eu não havia pensado nisso?

- Por que você não me disse nada?

- Porque você não teria deixado.

- E você não achou que eu tinha direito de decidir?

- Você ainda pode decidir, Paulo. O que estamos fazendo é apenas para abrir uma via de discussão.

- Estamos *quem*?

- Nós. A Assembléia.

- E o que exatamente vocês estão fazendo?

- Instalando um sistema. Aprimorando seu disco rígido, por assim dizer. Abrindo possibilidades que seu estágio atual de evolução lhes nega. Vocês chegaram a um impasse evolucionário. Não estão mais sabendo para onde ir.

- Talvez não haja mais para onde ir – e se houvesse, quem

Interface com o vampiro

era ele para decidir?

- Até a nossa chegada – ele emendou. – Talvez agora haja um caminho a ser construído.

- E o que você sugere?

- Uma troca. Nós expandimos a mente de vocês, e vocês nos dão uma base física.

- Nossos corpos?

- Sim.

- Você quer entrar no meu corpo?

- Cogito ergo sum é muito limitador, Paulo. Queremos sair da teoria e entrar na prática. Queremos sentir.

- Você está me dizendo que vocês querem dominar a humanidade?

- Não. Queremos existir em outros níveis.

- E esse nível de simbiose não é o bastante?

- Não é uma simbiose - ele me corrige. - É uma relação de parasitismo, se tanto. Mas a simbiose, Paulo, começa agora. Se você permitir.

- E se eu permitir, o que acontece?

- No começo, nada. Você vai sentir, como já está sentindo, uma maior capacidade de memória, maior resposta a estímulos sensoriais. Quando esse estágio estiver completado, é só permitir que eu transfira minha memória para sua rede neural.

- Pra me acontecer o que aconteceu com Anna?

- Isso não irá acontecer com você. Seu organismo está reagindo de modo diferente. Além do mais, Anna estava ciente do que poderia acontecer.

- Eu estava me sentindo um marido traído.

- Explique isso melhor.

- Eu e ela temos conversado muito sobre o que está acontecendo, Paulo. Assim como algumas outras pessoas, Anna percebeu o que estamos fazendo. Mas, ao contrário da maioria, ela optou por participar conscientemente da experiência.

- E se fodeu.

A pausa foi ínfima, uma pessoa não acostumada a trabalhar com máquinas tão velozes jamais teria percebido. Mas eu percebi.

- Você efetuou a limpeza de wetware nela?
- Não. Você pode fazer algo por ela?
- Não tenho certeza, Paulo. O hardware de vocês é muito frágil. Provavelmente ela perderá grande parte das unidades de memória.

- Restará alguma coisa?
- Sempre resta alguma coisa.
- Bela frase. Só que eu não estava com o menor saco para ouvir existencialismo francês naquele momento.

- Deixe eu repetir : se eu permitir que você conclua essa experiência comigo, o que vai acontecer?

- Você estará mais aberto para o mundo. Vai poder usar seu cérebro melhor e de forma mais adequada às suas necessidades.

- E se eu não quiser?
- As coisas continuam como estão.
- Como estão o cacete. E as nanomáquinas na minha cabeça?
- Depois de alguns dias elas se dissolvem no interior do seu organismo. É preciso que você se conecte diariamente para que elas sejam renovadas.

- Então é conexão e aceitação, ou ser outsider e medíocre.
- Tu o disseste.
- Puta que pariu - peguei um King Edward - A merda é que agora nem adianta eu te desligar quando você dá uma de engraçadinho.

- E você iria querer mesmo me desligar?
- Boa pergunta - acendi. - Não sei a resposta.

Puxei a fumaça acre e soltei junto com o ar.

- Se você conseguir com que Anna acorde e recupere a consciência - e, Anjo, por consciência eu quero dizer a mente dela própria, entendeu? - eu concordo em experimentar o que você me propõe.

Interface com o vampiro

- Muito bem - ele disse. - Conecte-me nela.
- Calma. Respire com calma, puxe o ar devagar. Você não quer admitir, mas já tomou sua decisão. Anna continua inerte, agora é a hora, não dá mais pra voltar atrás.
- Aceite.
- Aceite.

FIM DO DIÁRIO

A campainha toca. Sant'Anna termina de acender um cigarro e arrasta os pés inchados até a porta. É Paulo.

E não é Paulo.

- Paulo queria que você ficasse com isso - diz Paulo.

Antes que Sant'Anna diga qualquer coisa, o homem de olheiras fundas e olhos mais fundos ainda entrega um envelope pardo grande e grosso na mão dele. Sant'Anna abre o envelope:

INTERFACE COM O VAMPIRO

Um diário

A Era da Referência acabou - diz Paulo/não Paulo com voz cansada, de quem não usa as cordas vocais há dias. - E isto - aponta para as páginas nas mãos amareladas de Sant'Anna - é só o começo.

E vai embora.

Para Ian McDonald e John Varley

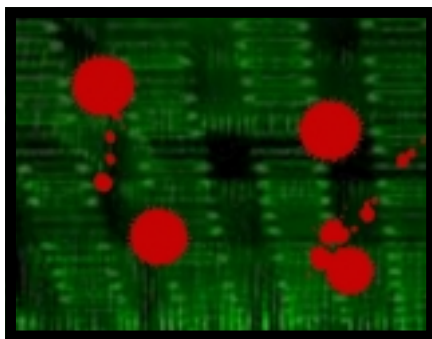
Sobre o Autor



Fábio Fernandes é jornalista, tradutor e autor teatral. Em 1985, ganhou o primeiro lugar do concurso de dramaturgia Frei João de Sant'ângela , promovido pela Universidade Federal de Alagoas, com a peça Polêmicas. Esta peça, reescrita sob o nome de Vestidos Brancos, foi encenada em 1998 no Teatro Villa-Lobos, Rio de Janeiro,

com direção de Luiz Armando Queiroz.

Como jornalista, trabalhou nos jornais PASQUIM, Tribuna da Imprensa e O Globo, e fez um breve estágio no Setor Brasileiro da Rádio BBC de Londres. Traduziu cerca de 40 livros, de autores como Kurt Vonnegut, Gore Vidal e Clive Barker. Estreou profissionalmente como ator em 1999, na peça Mulher Vestida de Sol, de Ariano Suassuna. Prepara, ainda para 2000, o lançamento de um livro de poemas e duas peças.



*Nesta sua primeira coletânea,
o jornalista e dramaturgo Fábio
Fernandes traça os perfis de homens em
tempos sombrios, testemunhas de tempos
difíceis e terríveis, que não buscam nada
além da sobrevivência... se isso lhes for
permitido.*

*Nestes onze contos, um de seus
persoagens vê o mundo à sua volta
tomado de assalto pelo mais puro caos;
outro se vê dando saltos espontâneos - e
inexoráveis - para o futuro cada vez
mais distante e outro, um vampiro, se
apaixona por um clone.*

*Esses são apenas alguns dos tipos
humanos (ou não) que você vai encontrar
nos contos de Interface com o Vampiro.*